



e/bun<sup>Nº31</sup>  
março de 2008

Secos &

# Molhados

Stuart Immonen + Érika Martins + Andross Editora

Uma vez uma pessoa me perguntou como conseguia levar tantos nomes interessantes para as páginas do Elebu, sendo ele "apenas" um fanzine. Respondi que tudo era uma questão de ego: o do entrevistado e o nosso. Tem gente que só fala com os grandes porque o ego dele é assim ou talvez a assessoria oriente e determine dessa forma. E têm aqueles que estão acima dessas questões e prestigia quando acham o veículo interessante, independente do alcance que ele tenha. O ego nosso diz respeito à confiança no próprio trabalho. Acho que o Elebu é bom o suficiente para ter em suas páginas tanto a banda de garagem do vizinho quanto a Marisa Monte. O tesão de tentar realizar uma boa matéria é o mesmo com o grande e com o pequeno.

Conseguir trazer essas pessoas para as páginas é o não ter medo de levar uma resposta negativa ou de ser ignorado. Oras, essas coisas acontecem e podem vir de qualquer um. O segredo é apenas esse: não ter receio de tentar e nem de errar.

Também não existe uma lista de nomes a serem trabalhados aqui. As pautas surgem das mais diversas formas. É comum, inclusive, eu lançar uma edição e não ter a menor idéia do que vou falar na próxima. De repente o universo conspira e faz dessa "próxima" algo especial.

Eu considero esta edição 31 um marco para o Elebu. A história dela começou em dezembro. Enviei mensagens para os leitores que recebem o zine diretamente no e-mail e perguntei qual foi a matéria e a capa mais legal de 2007. Um deles, o Luis Fernando Xavier, fez seu comentário e no meio da mensagem disse que se o zine fizesse algo com os Secos & Molhados, ele nos amaria para sempre. Achei graça do jeito descontraído, mas aquilo ficou na cabeça. Puxa, seria mesmo um barato apesar de, naquela época, achar que era um delírio.

A edição de fevereiro (a primeira deste ano) foi lançada uma semana antes de janeiro terminar. Queria apressar logo a de março porque carnaval é dia perdido. Pois não é que só consegui trabalhar no zine após a quarta-feira de cinzas? De concreto, tinha duas semanas para a produção e algumas idéias em curso. Os colaboradores começavam a apontar o que queriam nessa época. Se tivesse ficado só naquele planejamento, já renderia uma bela edição com Érika Martins, Et Circenses, Andross Editora e etc.

Mas o ego sentiu que podia tentar o delírio. Daí voltou à cabeça o que o Luis escreveu. Secos & Molhados ecoou igual àquela propaganda "compre Batom". Por que não tentar o João Ricardo? Entrei em contato e ele topou a entrevista, que ficou ótima. A partir dali, as coisas tomaram uma outra dimensão. Por que não falar com o Gerson Conrad e o Ney Matogrosso para produzir o especial que faria o Luis nos amar para sempre? O Gerson também nos atendeu e prestou um grande depoimento, assim como o Willy Verdaguer, apesar de o dele não ter sido uma entrevista. O Fernando Rosa, mais uma vez, foi de uma grande gentileza e deixou sua visão. A assessoria do Ney não retornou para dizer nem que sim, nem que não. Tudo bem! A nossa alegria já estava completa. A matéria de capa está aí fruto do não ter medo de ir atrás do delírio, e da integração fundamental entre veículo e leitor.

Qual a matéria que faria você nos amar para sempre?

## ELEFANTE BU N° 31

EDIÇÃO, DIAGRAMAÇÃO, PRODUÇÃO E TEXTOS NÃO ASSINADOS:

Djenane Arraes

DIAGRAMAÇÃO "PORÃO WEB":

Washington Ribeiro

CAPA:

Foto retirada do site oficial de João Ricardo.

COLABORADORES:

Georgiana Calimeris, Leonardo de Moura, Washington Ribeiro, Dewis Caldas, Rúbia Cunha e Marcelo Leite.

AGRADECIMENTOS:

João Ricardo, Gerson Conrad, Willy Verdaguer,

Fernando Rosa, Luiz Carlos "Barata" Cichetto, Tânia, Annete Conradi, Érika Martins, Pablo Huascar, Felipe Gurgel, Rita Maria Félix, Helena Gomes, Cláudio Brites, Edson Rossatto, Stuart Immonen.

BLOG PARA DOWNLOAD:

<http://elefantebu.poraki.com.br>

CONTATO:

[elefantebu@yahoo.com.br](mailto:elefantebu@yahoo.com.br)

CANÇÕES E AFINS:

*All I Want Is You*, Barry Louis Polisar (a trilha de Juno parece um vício); *Canciones de Amor*, Julieta Venegas (essa é uma das melhores canções pop dos últimos anos); *Ballad of Bilbo Baggins*, Leonard Nimoy (é o sr. Spock cantando música sobre o tio do Frodo, hahahahaha); *Noite no Baile*, Et Circensis; *Fala*, Secos & Molhados.



Capa/ Ziniando:

# Secos & Molhados

Ziniando:

Érika Martins  
Et Circensis

Conexão Hellcity:

Grito Rock Cuiabá

Porãoweb:

Lost e Literatura Inglesa

O Guia:

Dona Izaldina  
Meu Jardim  
Narciso Brasileiro  
A Educação Foi Pro Brejo  
Andross Editora

Mundo Geek:

Stuart Immonen  
Heróis Voadores



Ilustração: Stuart Immonen

sumário

# S & M



*Foi uma carreira fulminante onde dez meses se transformaram e mais de 30 anos de lendas, segundo as palavras de Gerson Conrad. A verdade é que Secos & Molhados conseguiu em tão pouco tempo o que muita gente não faz numa carreira de décadas. Uma história de rusgas, equívocos e confusões, mas também de uma música belíssima e uma marca que jamais será apagada.*

Se não tivesse brigado. Se não fosse o dinheiro. Se não fosse a teimosia. Se não fosse a gravadora. Se não fosse o rasgo na meia. Se não fosse a borboleta que bateu as asas na China ao meio-dia. Se não fosse uma gama de situações complexas, a Secos & Molhados seria a maior banda brasileira da história do pop mundial. Teria conquistado Estados Unidos, Europa e Japão. Mas isso não aconteceu, e a grande verdade é que é impossível prever com exatidão o que poderia ter sido. A não ser que alguém invente uma máquina do tempo e modifique o passado, ou que exista algum aparelho que dê para espiar dimensões paralelas (que coisa mais nerd). A Secos & Molhados não teve tempo para chegar próximo do seu potencial como banda, ainda assim, com uma breve história, foi um divisor de águas. Uma conquista grandiosa para algo que durou menos de um ano.

Os primórdios dessa saga datam a partir de 1970, quando o jornalista, músico e português João Ricardo foi tocar violão com vizinho dele, o que ainda não era arquiteto Gerson Conrad. O bairro era o Bela Vista de São Paulo. Formaram a Eric Exportação que foi digna de nota: uma única que saiu no jornal Última Hora. Com uma banda assim, era melhor estudar para garantir o futuro numa outra profissão. Mas a dupla não desistiu tão fácil. Mal sabiam que tudo iria mudar de figura assim que a cantora folk Luli desse a notícia de um cara que tinha uma voz maravilhosa, natural de Mato Grosso, chamado Ney de Sousa Pereira. João e Gerson pegaram um trem para conhecê-lo no litoral no Rio de Janeiro, onde o tal cantor estava. Ney foi para São Paulo em novembro de 1971 e assim surgiu a formação fundamental da banda.

Após muitos ensaios - cerca de um ano preparando e amadurecendo o som - chegou o dia da grande estréia da Secos & Molhados na Casa de Badalação e Tédio, que era o bar-restaurante do teatro Rush Escobar. O Ney trabalhava como ator e estava com uma peça em cartaz inspirada nos

Lusíadas nesse  
mesmíssimo  
teatro.  
No

## do lado de fora...

*Fernando Rosa*

Olha, Secos & Molhados foi a primeira banda, grupo de rock, de massas que vi na vida. Aquele tipo de coisa, só tinha visto na televisão. O nosso mundo já era "independente", ou seja de bandas menores, como ... Os Mutantes, por exemplo. Mesmo Roberto Carlos não tinha aquele apelo que beirava a histeria. De repente, surgem aqueles malucos, pintados feito uns índios, performáticos. A única vez que os vi ao vivo foi essa a sensação. Foram uma espécie de Beatles versão tropical... Mas durou pouco, apesar do belo primeiro disco. Na verdade, eles não eram uma banda, no sentido clássico. Era o Ney na frente de tudo, e uma cozinha de "convidados" geniais, com destaque Zé Rodrix (teclados), John Flavin (genial guitarrista, que depois tocou na Patrulha do Espaço, com Arnaldo Baptista) e Willy Verdaguer (no baixo, ex-Beat Boys, banda de garagem mezzo-argentina-mezzo-brasileira, que acompanhou Caetano Veloso em *Alegria Alegria*)... Sim, João Ricardo, especialmente, teve a sua importância como compositor, mas menor em relação ao conjunto da obra. Uma banda histórica e um disco clássico.

# 1973

# 1974

Fácil é falar do imperfeito. Detonar os defeitos, desdenhar... como é simples! Então digo que fazer comentários do disco de 1974 dos Secos & Molhados é manha porque não tem a mesma força de seu antecessor. Não chega nem aos pés. Já começa repetindo o tema da latinidade na mesmíssima primeira faixa. Por mais que *Sangue Latino* e *Tecer Mundo* sejam músicas distintas com ritmos diferentes, o detalhe não passa despercebido, além do fato que segunda ser mesmo ruim. Por outro lado, se for pensar bem, o disco de 1974 é bem decente quando comparado a muitos dos lançados na mesma época, isso estabelecendo uma relação apenas com os grandes nomes. *Flores Astrais*, a mais forte, traz uma linha de baixo, bateria e piano lindíssima. Se escutasse o verso "um verme passeia na lua cheia" de outra maneira, chamaria de lixo. Aliás, já chamei quando o RPM regravou (e na época eu nem sabia quem era Secos & Molhados). Há outras muito bonitas ali também de letra e, principalmente, de melodia. Destaques que vão para *Delírio...*, *Oh! Mulher Infel* e *Não: Não Digas Nada*. O resto fica no "bacana" e no "ok". Agora phoda é encontrar palavras para descrever o que é quase perfeito e o disco de 1973 está nesse patamar. Parece até coletânea das melhores músicas, daquelas que você não consegue apontar como sendo mais ou menos. Tudo é ótimo, até aquelas pequenas que parecem mais vinhetas. O disco de 1973 é o que tem *Rosa de Hiroshima* e, sobretudo, *Fala*, aquela que arrisco dizer ser a música mais extraordinária da banda. Arranjo lindo do Zé Rodrix, Ney sendo mais melodioso que nunca, e uma letra que na sua simplicidade traz uma mensagem poderosa. Dá para ficar com lágrimas nos olhos.



dia "D", as coisas atrasaram e ele chegou para o show ainda com a maquiagem pesada do personagem que fazia. Luli gostou do visual e acrescentou purpurina. João e Gerson resolveram entrar na brincadeira e pintaram o rosto. Deu no que deu. A platéia ficou assombrada, mas adorou e, a partir do acaso, a Secos & Molhados tornou-se a maior manifestação da estética glitter do Brasil.

Faltava a pose andrógina que também era característica. Isso daí era personificada de forma natural em Ney Matogrosso, que usava a sua sexualidade dúbia de forma inteligente. Chocava os adultos, mas fez sucesso com a criançada que se amarrava nas caras pintadas, nas roupas extravagantes, nas dancinhas e também no humor de versos como "vira, vira homem/ vira, vira lobisomem". Assim como os conservadores, os militares não gostaram (o que não era surpresa). Não havia um só resquício de subversão e afrontamento direto ao governo daquela época no primeiro disco da Secos & Molhados. Foram os fardados que bateram de frente com o trio. Procuraram mensagens escondidas nas músicas e censuraram. Vai ver que "nos fios tensos da pauta de madeira/ as andorinhas gritam por falta de uma clave de sol" era um código sinistro que provocaria a revolução da esquerda no Brasil e derrubaria os militares. Em Brasília, invocaram com o peito nu e o rebolado do Ney. Apagaram as luzes, mas foi temporário porque a força da banda era maior. Para se apresentar fora do país, precisaram até ser interrogados. Detalhes aqui e acolá de censura foram enchendo e, aí sim, provocaram uma resposta direta. Ela veio nos shows e no segundo disco, ainda que sussurrada. "Diga que eu não sei de nada, nem posso saber", é o que cantaram em *Toada & Rock & Mambo & Etc.*

Burrice dos militares em querer implicar com a banda sem mensagens partidárias. Ainda por se tratar de um raro grupo dos anos 70 que trabalhava de cara limpa. Os músicos até poderiam experimentar seus ácidos e baratos afins em casa ou nas festas, mas nunca na hora dos shows. Inclua na lista "porque não deveriam mexer comigo", a popularidade. Um milhão de pessoas levaram Ney, João e Gerson para casa em forma de LP. Pelo menos esse é o número especulado entre os integrantes. Um recorde estrondoso na época, e para os padrões atuais. O disco das famosas quatro cabeças foi gravado em apenas 15 dias e lançado pela Continental. A quarta cabeça é do baterista Marcelo Frias. Reza a lenda, uma das muitas que envolve a Secos & Molhados, que todos os músicos acompanhantes foram convidados a integrarem oficialmente a banda. Era gente do calibre de Willy Verdaguer (baixo) e John Flavin (guitarra e violão). O Zé Rodrix também gravou. Mas só o Marcelo topou ser oficializado. O negócio é que depois da foto da capa e do projeto gráfico pronto, ele mudou de idéia. Não quiseram fazer outro.

O milhão que comprou o disco ficou até

# do lado de dentro...

Willy Verdaguer

pálido diante da massa que viu a banda na televisão e a ouviu nas rádios. Só de megahits foram três: *O Vira*, *Rosa de Hiroshima* e *Sangue Latino*. Músicas que se tornaram eternas, parte do inconsciente coletivo brasileiro. Os três apareceram no Fantástico e na Discoteca do Chacrinha. Virou histeria generalizada após uma apresentação no Maracanãzinho para 25 mil pessoas no dia 23 de fevereiro de 1974. Outra lenda diz que esse show foi agendado e organizado poucos dias antes, questão de uma semana. Eles, inclusive, eternizaram o momento em forma de disco. Secos & Molhados virou matéria na Billboard, vendeu 250 mil LPs no México. Foi na terra da Frida que surgiu a lenda do Kiss, aquela dos empresários estadunidenses que apareceram por lá, mas estavam interessados em um negócio mais pesado. Meses depois apareceu o Kiss com cara pintada e o tal lance do heavy metal.

A verdade é que a turnê no México seria a primeira etapa de longa, programada para durar nove meses, onde Ney, Gerson e João fariam a América, a Europa e o Japão. Não aconteceu por problemas nos bastidores. Do México, foram para São Paulo fazer show em Osasco. O segundo disco seria gravado pouco depois desses eventos. Outra lenda diz que o combinado era produzi-lo ao longo da turnê internacional, só que isso não aconteceu, então João mostrou um disco pronto com músicas suas, exceto *Delírio*, que é do Gerson. O fim chegou no dia 4 de agosto de 1974, quando Ney e Gerson anunciaram que deixariam o grupo às vésperas do lançamento televisivo do segundo disco. *Flores Astrais* foi o último hit de uma banda que, em menos de um ano, revolucionou tudo. Elevaram a um outro patamar o conceito de popularidade, de vendas, de shows, de personalidade.

Cada um seguiu a sua vida. Ney Matogrosso é o que tem carreira solo mais sólida e bem-sucedida. João Ricardo ainda faz discos e Gerson Conrad toca quando quer.

Não importa o quanto foram breves, a Secos & Molhados deixou um legado enorme para a música brasileira. Uma música que continua moderna e atual. É coisa que não vai envelhecer nunca.

Posso começar dizendo que, ter participado dessa alucinante e meteórica avalanche chamada Secos & Molhados, me enche de orgulho e de recordações maravilhosas...

Todo músico de rock and roll, sonha com estádios lotados, aparelhagem poderosa e público enlouquecido. Era o que acontecia quando a gente se apresentava.

A adrenalina já começava na saída do hotel...na hora de ir ao local do show...e no percurso de automóvel com batedores da polícia na frente...e a chegada...e o público...e corredores de guardas até os camarins...e os camarins...e os três se maquiando...os rostos se transformando de simples mortais em eternos andróides...e os treinos vocais...os nossos dedilhados no baixo e na guitarra para aquecimento...o baterista tamborilhando nas paredes com suas baquetas...e as brincadeiras...e as risadas...euforia talvez só comparável à entrada de um time numa final de campeonato...

Depois, a nossa entrada (o quinteto de músicos) no palco para posicionamento sob palmas e gritos...e a poderosa introdução musical...e o público pegando fogo...e a entrada dos três provocando uma ovação e um delírio em massa...realmente inesquecível!

...e duas horas de som e canções inigualáveis (no meu entender!)...e o fim do show...o suor feliz...nossos próprios comentários sobre tudo que aconteceu durante...e aquela hora...?"

"...você viu aquilo...?" "...que legal!"...e blá blá blá...

...e um monte de gente querendo entrar nos camarins...e a prioridade para artistas consagrados que estavam nos bastidores para conversar com a gente...

A saída nos carros...os batedores...o restaurante...a volta ao hotel...o quarto...

Acho que a vida dos Secos, apesar de curta, foi tão intensa, que me faz agora ficar divagando nas situações.

Parece que foram "aventuras incríveis num mundo de fantasias", feito um 'Peter Pan' ou 'Gulliver'...

E você. Djenane, me desculpa se por descuido saí do foco.

Quanto ao lado da produção, a colocação dos músicos da banda, embora muito divertida, foi também muito criteriosa e responsável e criativa. Cada um deles, com um domínio pleno de seus instrumentos e com uma postura musical firme e ousada.

As canções, na maioria de João em parceria com grandes poetas, já vinham até nós com os vocais dos três bem ensaiados...cabia a nós agora fazer os arranjos para a banda. Nessa parte, tive grande influencia ao orientar os músicos e ao apontar o caminho musical do grupo. Considero quatro pontos fundamentais para o Secos & Molhados ter alcançado tamanho sucesso: as canções, a voz do Ney, os arranjos, o desempenho dos músicos.

Tenho recebido incontáveis mensagens de fãs do grupo, depois de tantos anos, confirmando minhas palavras.

# conrad

*Gerson Conrad é o responsável por musicar Rosa de Hiroshima, o belo poema de Vinícius de Moraes. Do trio, era o que tinha fama de ser o mais "pé-no-chão". Hoje é um músico veterano, bem resolvido, que não omite opinião.*

Elefante Bu - O que acho curioso é que muita gente relacionou os Secos & Molhados com os Beatles por causa do impacto que a música teve e porque depois de vocês, a relação de popularidade e números de vendas foi para outro patamar no Brasil. E fazendo uma brincadeira de relações entre uma coisa e outra, a impressão que tenho é que você foi o "George Harrison" da banda: o cara mais discreto e que fez uma das músicas mais bonitas e lembradas. A coisa é por aí mesmo?

Gerson Conrad - Você não está errada, comparamos mesmo, devido ao sucesso que fizemos, cativando um público imensurável de A a Z. Há de se lembrar, de que o grupo ficou com o estigma de divisor de águas referente ao mercado fonográfico. Isso, devido aos números de discos vendidos no chamado período de lançamento. Explico, em noventa dias após o primeiro LP ter chegado ao público consumidor, atingimos mais de 300.000 cópias vendidas. A média até então, "record" conhecida, era de 50.000 cópias durante o ano, no mercado nacional, e só alcançada pelo "Rei" Roberto Carlos. Nem mesmo a Bossa-Nova, Jovem Guarda e Tropicalismo conheceram tal número no período acima referido. Quanto à comparação de minha pessoa com George Harrison, o que sei, é que apesar de "Ariano,





impetuoso Dragão, no horóscopo Chinês", sempre fui o mais comedido, entre o Leão (Ney) e o Escorpião (João Ricardo). Alguém tinha que ter os pés no chão. Sem falsa modéstia, eternizei um poema de Vinícius de Moraes, *Rosa de Hiroshima*, que talvez, não tivesse alcançado a importância, inclusive internacional, se não fosse a música por mim composta.

**Elebu - Entre os músicos que acompanharam os Secos & Molhados estava o grande Zé Rodrix, que já tinha na mão um disco que hoje é um clássico fundamental da música brasileira. Como foi tocar com ele na estrada?**

Conrad - Em verdade, o Zé Rodrix só tocou conosco dentro do estúdio, durante a gravação da faixa *Fala* em que ele fez o arranjo. Hoje, somos amigos e até nos encontramos com certa frequência. Quanto à estrada, teria até, sido um prazer se tivesse acontecido. Na época participamos de um mesmo evento musical, em Belo Horizonte, mas só.

**Elebu - Havia muita troca de informação entre os músicos e os grandes nomes da música naquela época?**

Conrad - Não! Acredito que hoje, haja mais essa troca, e esse contato entre artistas. Naquela época, encontrávamos ocasionalmente esses grandes nomes ou, nos bastidores das rádios e televisões durante a gravação ou participação de programas. Tivemos um breve contato, mais próximo, com os baianos. Mais Gal e Gil, durante nossa estadia em Salvador, em Fevereiro de 1974. Era uma época em que cada artista já consagrado estava preocupado em conservar seu lugar ao sol, e os S&M haviam chegado fazendo muito barulho. Acredito que isso os assustou um pouco.

**Elebu - Acha que aqueles que fazem parte da mídia especializada, pesquisadores e o público afim são justos na hora de contextualizar a importância dos S&M com as pessoas que fizeram parte dessa história?**

Conrad - Não! Deixam muito a desejar nesse quesito. Eu, por exemplo, às vezes, nem sequer sou citado. Exemplo: Nelson Motta, durante a pesquisa de confecção de seu livro *Noites Tropicais* me contactou pessoalmente e também pessoas envolvidas com seu trabalho, colhendo informações, e pedindo autorização para uso de imagem, e no capítulo em que dedica aos Secos&Molhados, omite meu nome. Poderia citar outros exemplos assim, mas não vem ao caso.

**Elebu - E você está há muito tempo sem lançar um disco seu. Não tem tesão de aproveitar as facilidades de hoje e lançar alguma coisa sua ou quem sabe mexer com produção ?**

Conrad - Estou mesmo, e explico: durante muito tempo fui radicalmente contra a

"produção independente" em nosso país. Questão de bom senso. Acho que contribuí o suficiente, e bem, para que a indústria fonográfica e cultural, as chamadas gravadoras, que tanto afirmam de que o mercado está mudado, me ouvissem. Não o fizeram. Criaram a expectativa de vendas que representasse a terça parte do que havia vendido o grupo e sem o menor marketing direcionado para isso, puro non-sense. Uma coisa era o grupo, outra, seus integrantes. Mas elas continuavam contratando e lançando gente e gêneros de toda a sorte. Confesso que o tempo passou sem que eu tivesse me dado conta. Mas estou atuante com shows ao longo desses vinte e poucos anos sem gravar. Fora da grande mídia, por razões óbvias. Este ano devo entrar em estúdio, mas não tenho data definida. Tesão! Sempre enquanto Deus "me permitir".

**Elebu - Que tipo de música você gosta de fazer hoje em dia?**

Conrad - Minhas composições ou minhas músicas refletem aquilo que filtro das informações do cotidiano. Tendências, não sigo, pois minha obra é universal em sua forma de expressão. Talvez você possa defini-la como World Music, ou não. Faço um pop-rock em seu contexto, com pitadas de todas as influências que possa ter assimilado, e me prevaleço do fato de ser brasileiro.

**Elebu - Do que é produzido hoje entre novas cantoras pop que fazem samba, bandas emo, a cena independente e etc, o que te agrada mais?**

Conrad - É..., e está difícil! Difícil de responder porque, ao mesmo tempo em que se tem uma talentosíssima Ivete Sangalo, nos deparamos com aberrações de cunho indefinido, como esse acúmulo de bandas "Axé" salvo, algumas exceções, e coisas do tipo, poluindo sem qualidade nossos ouvidos. E pior, sendo-nos imposto pela mídia televisiva. Ouvi-los já é difícil, vê-los, é sacanagem.

**Elebu - Mal ou bem, o seu nome é obrigatório nas páginas da história da música popular brasileira. Como você se sente em relação a isso?**

Conrad - Evidente que gratificado. Como o ditado popular, "Falem bem ou mal, mas falem de mim!" É sempre bom ser lembrado! Sem discutir talento ou sorte, estou dicionarizado, logo imortalizado, e isso é gratificante, sinal de que minha contribuição por meio de minha obra, teve seu valor e reconhecimento.



# joão ricardo

*Principal compositor e fundador da Secos & Molhados, João Ricardo foi o culpado pela criação de clássicos. Sempre ativo, lançou no ano passado o disco solo, Puto, onde deixa os violões de lado e explora outras formas do rock.*

**Elefante Bu** - Quando você criou os Secos & Molhados, já tinha amadurecido a idéia de toda a sonoridade que queria levar ao público?

**João Ricardo** - Se reparar bem o denominador comum é o violão acrescido dos três músicos (baixo, bateria e guitarra) que criavam as suas partes comigo (ou não), mas obedecendo à batida original do violão de 12. Na maior parte das vezes não gostavam muito dessa obediência, já que vivíamos o ápice do rock progressivo e os músicos da época só pensavam nisso. Naturalmente me tornei um chato pelas limitações e/ou pedidos que fazia. Há também a participação do músico Zé Rodrix ao piano, que em várias canções foi preponderante nas sugestões.

**Elebu** - Te surpreendeu o fato de vocês terem sido a banda mais popular naquele início dos anos 70?

**JR** - Muito. Afinal batemos todos os recordes num patamar jamais sonhado por nenhum burocrata da indústria fonográfica, quanto mais nós.

**Elebu** - Pensando nos primeiros discos, penso que eles continuam absolutamente modernos e muito complexos. Foram vocês que foram muito à frente ou a música brasileira de forma geral que acabou se simplificando por demais?

**JR** - Nunca pensei nisso dessa forma. Até hoje, com todo o distanciamento que possa ser possível, parece-me que é a minha música com características muito pessoais. Como fez muito sucesso, entender o porquê passa a ser curioso, mas acho mesmo que é apenas diferente. Nem fomos muito à frente, nem a música brasileira se simplificou.

**Elebu** - Foi lançado em 2003 o disco "Assim, assado - tributo

a Secos & Molhados". Na sua visão de criador, como você recebeu esse disco tributo? Houve alguma faixa onde você realmente se sentiu homenageado pelo bom trabalho?

JR - Em nenhum momento eu fiz comparações. Eu me senti lisonjeado. Adorei El Rey com o Matanza.

Elebu - Você gosta daquilo que é popular na atualidade?

JR - Na verdade nunca quis ser muito popular, ou coisa parecida. Nem sequer ouvia o que era muito popular na época. Hoje então... Ouvidos moucos.

Elebu - Os anos 70 foi um período de muita produtividade até chegar os anos 80 e 90 quando o espaço. Isso foi mais uma opção sua ou você passou a ter dificuldades de produção na época?

JR - Foram às circunstâncias. É bem verdade que não sou daqueles compositores que têm milhares de músicas prontas. Eu quando tenho uma quantidade razoável, faço um disco, embora relacionado com minhas exigências e necessidades. Tem uma banda americana o Steely Dan que levou vinte anos para lançar um novo disco. Eu amei. Funciono assim também. Demoro por causa das tais necessidades. É uma maneira de ser. Há artistas que gravam muitos discos durante uma carreira. Ou por causa dela. Eu, não.

Elebu - O disco *Memória Velha* é muito curioso por ter sido concebido por quatro anos, mas só lançado dez anos depois. Quando você teve finalmente a oportunidade de lançar esse material, teve a preocupação ou sentiu a necessidade de atualizá-lo de alguma forma?

JR - Na verdade ele não demorou quatro anos para ser concebido. Eu comecei gravando em janeiro de 1990 e com aparição do governo Collor ficou inviável. Deixei de lado, o tempo foi passando, até que comecei trabalhando na idéia do *Teatro?*. Esse seria o meu disco independente por definição. Além do mais, era apenas com uma guitarra chegando a essência da música que me interessava. No lançamento fui abordado pelo diretor da gravadora Eldorado que queria lançá-lo. Eu recusei e como ele insistisse, ofereci-lhe *Memória Velha*. Tinha algumas inéditas e outras demos. Misturei tudo e registrei um disco que provavelmente não seria lançado em condições normais.

Elebu - O que você fez nesse hiato, em especial nos anos 90?

JR - Casei de novo, continuei compondo até chegar ao *Teatro?*. E no final, como os filhos

mais velhos não me deram netos, fiz uma filha.

Elebu - Você que tinha o sonho de lançar um disco independente, hoje vive num mercado onde a maioria das bandas e músicos trabalham dessa forma em decorrência das mudanças no mercado. Isso sem mencionar que nunca ficou tão fácil gravar. Quais são os proveitos que você, particularmente, tira dessa nova realidade?

JR - Essa nova realidade pra mim é muito proveitosa. Se antes já não me sentia obrigado à coisa nenhuma (leia-se obrigações contratuais, gravar deste ou daquele jeito, etc.) hoje então e principalmente posso registrar o que quiser, sem que me frustre de nenhuma forma. Para um artista é o paraíso. Claro que não computo o sucesso como essencial, mas no meu caso isso é compreensivo.

Elebu - Essa facilidade em gravar gerou uma cena independente cuja oferta é diretamente proporcional à falta de qualidade de muitas bandas. O jornalista Fernando Rosa disse que isso era uma consequência da falta de referências. Você concorda com ele?

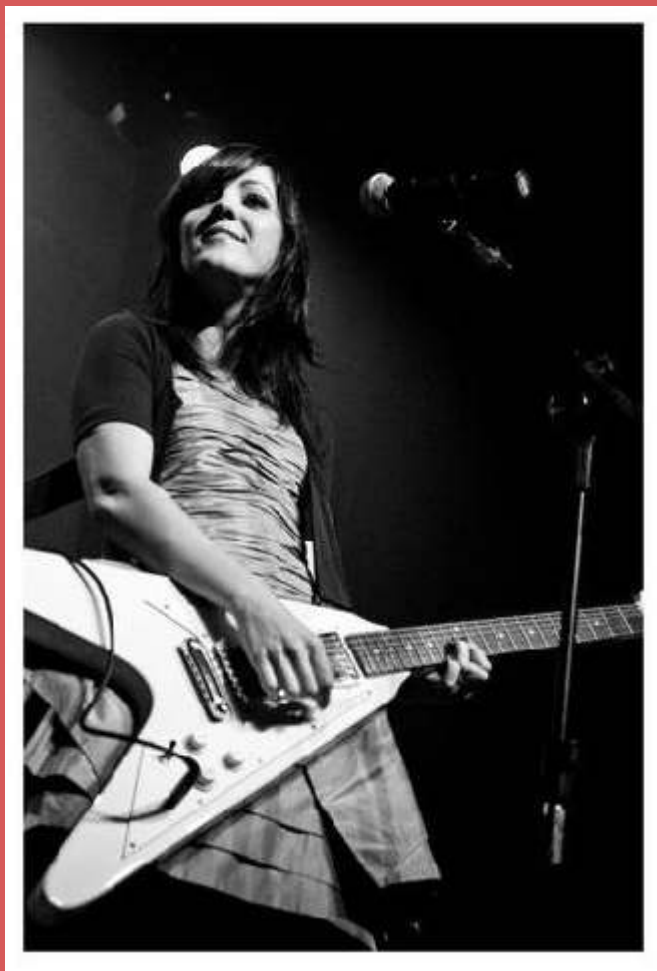
JR - Faz-me lembrar da época que se dizia que quando a ditadura acabasse o que sairia de obras primas das gavetas seria uma grandeza. Não foi bem isso que se viu. Neste caso, acho a mesma coisa. Como é um momento de transição e facilidades, é natural que haja uma profusão de bandas duvidosas. Agora, concordo com a falta de referências dessa garotada. Resta saber por quê. Acho que a maioria não está nem um pouco interessada.

Elebu - Dessa nova geração, há alguém que faça uma música onde você é capaz de reconhecer uma possível influência sua?

JR - Eu nunca consegui reconhecer ninguém. Claro que já ouvi algumas pessoas dizerem da importância da música dos Secos nos seus trabalhos, mas não sou suficientemente cabotino para fazer citações. Sou muito distraído.

Elebu - E o seu disco mais recente se chama *Puto*. O título é uma referência especial a alguma coisa? O que te faz ficar "puto"?

JR - Na verdade a referência maior é sobre a sonoridade do próprio disco. Um hard rock ferrado que um "Sr." (ia se chamar assim o disco) faz, e um garoto ("puto" em português) chamado Daniel lasbeck realiza, sem entender o contraponto. Enfim, o sentimento de *Puto* passa a estar em mim essencialmente: como moleque fazendo um disco de rock e puto por ninguém se incomodar a não ser com os clichês habituais.



Djenane Arraes  
Fotos: Tomás Rangel

Foi-se o tempo do "espero o dia passar/ não 'tchóque' em mim", ou do "eu não sei se vou namorar/ hoje estou rubra abaixo da cintura". A Érika Martins de hoje pouco lembra a moleca de saia colorida que saltitava no palco com a Penélope, a banda de Salvador que formou nos anos 90. A moça trocou a Bahia pelo Rio de Janeiro, formou o Telecats com Bjorn Hovland, Carla Kieling e Márcio Ribeiro, foi a voz feminina dos Tremendões que tocou junto com o tecladista Lafayette na banda cover mais comentada do país - e que deve lançar disco em breve uma vez que as gravações estão sendo finalizadas.

A moça também andou conversando com muitas pessoas, mostrando seu trabalho além das fronteiras nacionais por meio da internet. Gente como Kate Nash, Julieta Venegas, e bandas do calibre da Yeah Yeah Yeahs, Clap Your Hands And Say Hi e The Pipettes. Ela ainda garante que o gosto por trocar figurinhas é recíproco com esse pessoal. "Acho muito importante conhecer o que está rolando pelo mundo, e

quando me identifico, faço intercâmbios. A Julieta, por exemplo, temos trocado muitas figurinhas e ela tem me mostrado vários sons que adorei". Do lado brazuca, disse que gosta do Ludov. "Eu e a Vanessa já conversamos algumas vezes quando tocamos juntos. Já gravei com o Skank e foi ótimo. Tenho muitas parcerias nas composições também: com o Gabriel (Autoramas), Renatinho (Canastra). Acho muito saudável trazer pessoas diferentes e transformar o meu universo".

Resumindo, Érika acumulou muita informação após a Penélope, pegou a estrada e cresceu artisticamente. "Fui amadurecendo mesmo, aos poucos. No final da Penélope já estava querendo fazer um som um pouco diferente e o caminho foi natural. Acho que a estrada trouxe muitos benefícios para mim, estou compondo e cantando melhor e seu exatamente o que quero", disse.

# evolução contínua



O resultado sai em forma de CD ainda neste semestre pela Toca Discos e distribuído pela Warner Music. Táí uma forma de trabalhar que Érika julga ser muito esperta, uma vez que aproveita a distribuição e marketing de uma grande gravadora com a visão mais artística do selo. Mas ele levou um tempo comprido para ser feito. Há notícias a respeito desde 2006 e há canções que já caíram na boca do povo. *Sacarina*, por exemplo, é hit desde antes Érika se apresentar no Festival Porão do Rock. *Lento*, a música de trabalho, foi gravada há um bom tempo e recebeu uma remixagem em dezembro do ano passado. A produção leva a assinatura de Carlos Eduardo Miranda, Tomás Magno e a ex-parceira de Penélope, Constança Scofield. Um trabalho em grupo que, para Érika, foi muito proveitoso. "O Miranda tem mais uma visão geral, a Constança é minimalista e destrinchou música por música, e o Tomás coloca a mão na massa - é o responsável por todos os timbres maravilhosos do disco".

Enquanto ele não está no mercado, é possível conferir algumas mostras dessa nova fase no myspace da cantora. São músicas como a própria *Sacarina* que ainda carrega reflexos da Penélope na interpretação e no rock colorido de versos do tipo "margarina só se preocupa quando aquece". Diferente de outras como *Ainda Queima a Esperança*, de Raul Seixas e Mauro Motta, conhecida na voz de Diana, que fez parte da coletânea de sucessos bregas dos anos 70 *Eu Não Sou Cachorro, Mesmo*. Ali Érika dá mostras evidentes de sua evolução como cantora. E ainda tem a balada *Vou Te Esperar*, feita para agradar gregos e troianos. *Lento* não está lá no myspace, mas é importante falar dela. É uma versão do lindo clássico da Julieta Venegas, onde Érika divide os vocais com a própria. Quem deu a idéia para ela fazer uma versão em português foi o saudoso Tom Capone. As duas cantoras foram apresentadas e aproveitaram a oportunidade para gravar juntas durante uma passagem de Julieta no Rio de Janeiro. Parece que, sem querer, a música personificou bem o processo do disco e da evolução de Érika. "Ser dedicado e esperar/ quero tempo para te dar tudo o que tenho".

# festa no salão

Por alguma razão estranha, tem gente que acha que este é um zine de Fortaleza. É bem verdade que tenho amigos, informantes e afins de lá e, de um jeito ou de outro, sempre aparece algo da capital cearense no Elebu. A questão é que por essas, comecei a receber mensagens a respeito de festas que nunca irei, de shows que só vou ver se filmarem e mandarem o DVD para Brasília ou colocarem os vídeos no youtube. Me mandam até mensagens de associação de moradores (risos). O pior é que 98% desse montante de informações nem pode ser aproveitado para quem sabe talvez um dia noticiar no zine. De qualquer forma, acabo as lendo para saber qual é o programa do fim de semana... de lá. Entre festas, micro-festivais e shows regulares, havia um nome freqüente: Et Circensis. Despertou a minha curiosidade e fui procurar saber qual era a do pessoal. Achei a banda no Trama Virtual. Tinha recém disponibilizado o primeiro disco, *Homônimo*. Ouvi música que estava no topo da lista, *A Outra*, e achei interessante. Fui para a próxima, *Ana*, e também aprovei. E as coisas se

sucederam até chegar na última faixa, *Teus Sinais*.

Duas coisas chamam atenção para a Et Circensis. A primeira, lógico, é a sonoridade. É um rock com o selo autêntico do alternativo. Nada perto das tentativas fracassadas de vanguarda que continuam ruins de escutar mesmo após décadas. O alternativo aqui diz respeito a uma música que não foi feita para rádio comercial mesmo, ainda assim, muito boa de se ouvir, com soluções e arranjos criativos. *Noite no Baile*, a minha preferida, é uma história triste de amor carnavalesco muito interessante, onde a tensão progride de acordo com o ritmo. Começa com valsinha, tem seu momento carnaval no refrão (ou quase) e ainda tem direito a solo de piano e guitarra para dar um drama. E com essa mesmíssima música é possível introduzir a segunda boa coisa que chama atenção para a banda: a letra. Pablo Huascar (baixo), Gustavo Portela (voz e guitarra) e Fabrício Vital (guitarra) são os compositores mais freqüentes, e pode se dizer com toda convicção que a moçada é competente no ofício. "Aquela linda dama que dançou ao meu redor/



sua mão ela me deu, roubei um beijo e foi só/ pois ela fugiu com um galante capitão/ com tapa-olho de pirata e com um gancho na mão". Antes que se perca o ritmo, Et Circensis tem mais dois integrantes. É o Eduardo Pontes, na bateria, e o Juliano Estevam, nos teclados.

O disco *Homônimo* é de muita qualidade (mesmo), todo ele, porque as boas características se repetem ao longo das faixas. Não da mesma forma, claro. Além disso, a voz de Gustavo Portela é muito agradável. A produção ficou na responsabilidade de Fernando Catatau e Régis Damasceno, ambos da Cidadão Instigado. Foi lançado pelo Pisces Records ([www.piscesrecords.com.br](http://www.piscesrecords.com.br)), onde está disponível para download. A política do selo veio de encontro com a iniciativa do quinteto, que havia disponibilizado as músicas na Trama Virtual e em outros locais. "Hoje é impossível ficar alheio a quase infinita possibilidade de divulgação que a internet propicia. O interesse é que o máximo de pessoas, nos mais diversos lugares, conheça o trabalho", disse Pablo. Mas a banda também o tem *Homônimo* em CD numa tiragem de apenas mil cópias. "Não acho que o CD em si seja um artigo do passado. As várias formas de se relacionar com as músicas ainda vão conviver, ao menos por algum período. Nesse sentido, a tiragem que fizemos é bem pequena, mas tem sua função. Ainda acredito que as pessoas que tem um contato mais próximo com a banda, seja vendo um show ou conhecendo algum dos integrantes, pessoalizam mais

essa relação quando compram ou ganham um CD. A relação com as canções pode se dar por qualquer mídia e ser bastante visceral: ouvindo um mp3 player, escutando música no som do carro, fazendo streaming num site da internet. Mas a relação com o artista ainda passa por um contato mais próximo que pode, por exemplo, se tornar mais palpável a partir de um CD".

O show de lançamento aconteceu em janeiro deste ano, num evento de casa cheia no anfiteatro do Centro Dragão do Mar, em Fortaleza. Teve ainda a participação de Nina Becker (Orquestra Imperial) dividindo os vocais na música *Nós Dois (Namoradinho)*. "Conheci a Nina quando a vi cantando num show no Studio SP em São Paulo. Foi o Regis Damasceno quem apresentou. De imediato, fiquei fascinado com a voz e a presença de palco da Nina. O tempo passou e guardei essa lembrança. Nos dias que antecederam o show de lançamento, o Regis comentou que ela vinha passar alguns dias de férias em Fortaleza. De imediato me veio a idéia de convidá-la pra participar do show. Pedi ao Regis que intermediasse o convite e ele o fez. Pra nossa felicidade ela aceitou. Em Fortaleza, a Nina se mostrou muito amável e sempre bastante solícita. A participação foi muito bonita e trouxe um brilho enorme para aquele momento. Agora estamos tentando viabilizar um show dela aqui em Fortaleza. Estamos trabalhando e torcendo para dar certo", finalizou Pablo.

Parece que as coisas vão caminhando bem para a Et Circensis. Nada mais justo. Taí uma banda com um bom trabalho que merece destaque.



# ceará não é o sul

*Entre as perguntas que fiz para a Et Circensis respondidas pelo baixista Pablo Huascar, havia uma onde disse que o Ceará deixou de exportar somente o forró. O sentido do comentário é a quantidade de bandas que vieram de lá e começam a ter destaque nacional, em especial a Montage. Mal ou bem, a impressão que começa a se ter é que Fortaleza desempenha nesse final de década o papel de revelar e ditar certas diretrizes estéticas no plano independente alternativo do rock, tal como aconteceu com as bandas gaúchas nos anos 90. A resposta de Pablo foi longuíssima e muito boa, mas que obrigaria a dar muitas voltas para incluir o assunto na matéria regular. Não queria deixá-las de fora, por isso aqui está a explanação do baixista na íntegra.*

Acho que não tenho propriedade pra falar do nordeste como um todo, mas posso dizer algo sobre o Ceará. De início, tenho que dizer que o Ceará tem muito mais do que o forró. E mesmo muito mais forró do que o que costuma se exportar. O forró de exportação é o que se consolidou em uma industrial cultural fortíssima. Indústria que gera muito dinheiro, mas que, como em todo processo industrial, não divide os espólios de forma justa e igualitária. Há donos de banda (sim, proprietários mesmo) que ganham muito, proprietários de casas de show que também lucram bastante, cantores, cantoras e alguns instrumentistas que recebem um bom salário, pois são aqueles com quem o público estabelece uma relação direta, e uma grande massa de músicos, técnicos e operários em geral que são explorados da mesma forma que em toda relação trabalhista vinculada a uma produção de mercado.

Como em toda indústria cultural há uma enorme pasteurização das músicas e um eterna corrida atrás das tendências que estão com melhores vendas e resposta de público. Mas, anterior a isso tudo, existe um forró que se mostra como uma expressão mais genuína da cultura local e que não chega nem perto do nível de exposição que o forró de exportação tem. O Waldonys, um sanfoneiro muito conhecido por aqui e pelo Brasil a fora, é um artista que acho muito bacana nesse sentido. Um cara que sinto que mantém a sinceridade no que faz.

Retomando: o Ceará tem muito mais do que o forró. Há música muito boa sendo produzida aqui, mas que não consegue grande destaque por estar fora do eixo Rio – São Paulo. Tanto é que, quem se aventura a ir pro Sudeste, consegue uma repercussão bacana. Alguns exemplos recentes são o Montage e o Quarto das Cinzas. O Fernando Catatau foi um pioneiro nessa migração e conseguiu construir uma carreira. Hoje ele tem um grande respeito da crítica, além de gravar e fazer parcerias com um monte de artistas legais (Nação Zumbi, Vanessa da Mata, Otto, Los Hermanos). Tem

outras pessoas, como o Junior Boca e o pessoal do Soul Zé, que também foram e estão tentando tocar os seus trabalhos, mas a vida de ninguém é fácil. É sempre uma batalha para conseguir espaço.

Sobre o nordeste ser como sul do país nos anos 90, eu não saberia te responder. Porém acho que esse tipo de comparação acaba não permitindo enxergar as singularidades de cada momento. Talvez o mais importante, para além de fazer comparações, seja tentar aprender que devires, que linhas de fuga, e, principalmente, que perigos passaram por momentos como esse. Isso, pra mim, ganha uma funcionalidade prática, pois serve para pensar o hoje. O que estamos fazendo hoje? Como estamos fazendo? Que perigos corremos? Que vitórias podemos conseguir? No Ceará, por exemplo, não há nenhum movimento cultural, ao menos não que eu saiba, que aglutine de algum modo as pessoas como foi o Mangubeat em Pernambuco. Cada um está tentando fazer as suas coisas, mas ainda de forma individual. O que não significa que as pessoas por aqui não se encontrem, troquem idéias e tentem se ajudar na medida do possível.

Uma movimentação bacana que continua rolando é o Soma (Coletivo da Música Independente de Fortaleza). Um movimento que surgiu como contraponto ao fechamento de vários espaços alternativos de Fortaleza e que acabou fazendo um festival muito bonito. Bonito não só pela organização e atrações, mas pelo modo como foi construído. Foi concebido e efetivado coletivamente e isso foi uma grande novidade por aqui. Talvez esse seja o grande benefício que podemos tirar dessa movimentação de cearenses pelo mundo afora: fazer bons amigos e tentar ser solidário. Acabar com uma visão parasitária de tentar tirar proveito dos outros, auferir o máximo de lucros, e tentar conquistar confiança e ajuda mútua. Mais um pensamento idealista e até arriscado no meio dessas respostas, mas talvez seja por aí que estamos tentando caminhar.





*Paulo Huascar é baixista da Et Circensis e um dos principais compositores da banda. Além disso, é aquele que responde as entrevistas para a imprensa. Uma ótima escolha do quinteto pela clareza de idéias e boas explicações do músico.*



# grito!

Dewis Caldas  
Fotos: Renato Reis

Passando um mês inteiro programando o festival, a equipe de comunicação dos Voluntários da Música – Volume, chega ainda a tarde no Clube Feminino para dar os últimos acertos. O objetivo era disponibilizar a cobertura do Grito em tempo real, só que não apenas com fotos e resenhas, mas também com uma rádio on-line e vídeos postados no youtube, a partir dessa idéia começa um novo projeto, que tinha por nome Web TV HellCity.

Logo mais à noite, entrando no Clube Feminino, tudo já estava pronto: bar, cervejas, mostras de vídeos, a encenação da Confraria dos Atores, passagem de som, exposição de fotos, tudo ok com os expositores e a sala de coletivas estava um brinco. Na sala de imprensa já estava tudo acertado, a primeira banda, *Apostasia*, ia começar as 9h30, mas teve uns 30 mim de atraso, proposital até, para esperar o público chegar (e foi chegando), a maioria deles vestidos de preto. Além da primeira, bandas como *Venial e Questions* (SP), representavam o metal e o dia ainda teve muito mais peso. Desde a primeira banda a equipe começou a trabalhar. Corre com um cabo USB pra um lado, câmera fotográfica que caiu no chão, gravador de áudio dando erro de formato, mas tudo ia dando certo, cobertura, foto e vídeos estavam sendo publicados no blog, lembra que era esse o objetivo?

*Pata de Elefante* tocou bem tarde, mas muita gente ficou pra ver. Os gaúchos responsáveis por fechar o primeiro dia do Grito estão de disco novo e

com público renovado aqui em Cuiabá. Antes deles teve *Chilli Mostarda*, que dali do palco saiu em turnê junto com o *Rhox* pelas cidades Uberlândia, Goiânia e Belo Horizonte, que também promoviam o Grito. A equipe conseguiu fechar o dia postando todos os vídeos, resenhas e algumas fotos. A primeira etapa estava feita, agora o negócio era pegar uma carona com alguém, voltar pra casa, dormir e logo mais voltar direito para o Clube de novo. A grife alternativa Padam comemorava um ano e a promoção com descontos fazia com que toda hora chegasse

mais gente na banquinha, camisetas e assessorios estava à venda e foi quase tudo vendido.

O segundo e o terceiro dia tiveram duas grandes atrações: a abertura do *Movimentando Hip Hop*, uma ação promovida pela Cufa/MT que incluía grafiteagem, break e rap. E a continuação das encenações dos textos de Rubem Fonseca, feita pela Confraria do Atores que, mesmo tendo começado no dia anterior, ganhou mais força no segundo dia (e mais atenção do público). Ainda nesses dois dias, além do youtube ter ficado a madrugada inteira em manutenção (para meu desespero), o grande quesito das noites foi a apresentação de duas gerações da cena local no palco. Se de um lado tinha *Ebinho Cardoso, Lopes e Strauss* (todos remanescentes da década de 90), o contraponto vinha de bandas como *Snorks, Skarros e Aoxin* (todas com menos de dois anos de formação), e todos esses – sem exceções – fizeram shows bem trabalhados e com um pequeno público fiel formado debaixo do palco. Sem sombra de dúvida os melhores shows desses dois dias foram *Macaco Bong* e *Ludovic* (SP). O primeiro vinha de um drama particular: Ynaia Benthroldo está com uma tendinite, que é uma inflamação de um tendão (no pulso, mais especificadamente) que aparece através do excesso de repetições de um mesmo movimento. Logo depois da gravação do primeiro CD *Artista Igual Pedreiro*, previsto ainda para o primeiro semestre, o baterista sentiu as dores e começou o tratamento médico, depois de ficar dois meses sem pegar numa baqueta, embarcaram para o Rio de Janeiro e se apresentaram no Festival Humaitá Pra Peixe, dias depois estão novamente em outra grande apresentação. E quem viu aquilo tudo sabe do que eu digo, um dos melhores shows do festival quando se fala em postura de palco, timbres e harmonias fusion, espetacular. Já Ludovic tinha a incumbência de fazer outro show incrível, o público que a banda tem aqui em terras de 40° ainda não esqueceu do que a banda pode fazer e isso a banda já sabia antes de subir pra tocar. Jair Neves agora não só cantava, mas estava também no contrabaixo, o que fez a banda começar ainda tímida e sem todo o entrosamento. Não bastou muito para tudo ficar do jeito Ludovic. O público respondia à timidez da banda com gritos, Jair joga o instrumento no chão e entra em transe, desce do palco e é ovacionado, melhor mesmo é ver o vídeo feito pela nossa equipe. Tiago Baggio, que era quem gravava as imagens, estava bem em cima na hora e você pode ver no Hellcity Blog.

O *Montage* fez, no quarto e último dia, o show mais entusiasmado. Logo no início a galera colou no palco e a música introdutória *Trust My Dealer* foi cantada em côro. Assim



como Daniel Belleza e Os Corações em Fúria no Calango de 2005 e o Ludovic em 2006, essa foi uma apresentação que se tornou histórica em festivais cuiabanos, os cearenses conquistaram de vez o gosto e um público cativo em Hellcity. *Vanguard* se encarregou de fechar num emocionante show que teve cara de reencontro, a banda não tocava aqui desde o Calango, e aproveitou para anunciar que um novo clip será feito e que pode ser filmado até Abril. Nesse último dia, as equipes de produção estavam a mil ainda, embora o cansaço O bar com bebidas geladas, a banquinha vendeu mais do que qualquer outro evento e a equipe de comunicação conseguia o objetivo, que se tornou histórico para um blog que tem tantos poucos recursos. Isso é o que se faz quando se quer fazer um trabalho bem feito com pouca estrutura.



### Previously...

Lost é um seriado de TV, atualmente na quarta temporada, que relata a vida dos sobreviventes do voo 815 da Ocean Airlines que decolou de Sidney, na Austrália, com destino a Los Angeles nos Estados Unidos. Após algumas horas de voo, o avião caiu em uma misteriosa ilha no Oceano Pacífico. Lost apresenta algumas diferenças na narrativa e na construção dos episódios, pois trata os personagens no presente, passado (flashbacks) e futuro (flashforward), além da ligação entre eles fora da ilha.



S01E01

# LOST E A LITERATURA INGLESA

Desde do início de Lost muitas teorias foram apresentadas para explicar os estranhos fenômenos que acontecem na ilha. Alguns óbvios, outros um tanto quanto malucos, mas a verdade é que ninguém ainda conseguiu decifrar as loucuras dos produtores da série. Com mapas, números malditos, monstros sobrenaturais, curas milagrosas, pessoas que aparecem e sobem, enfim, a série acaba induzindo o espectador a criar sua própria teoria com base nesses acontecimentos. Então resolvi entrar para a turma dos malucos e apresento a minha teoria, maluca ou não, sobre Lost e a sua ligação com a literatura inglesa.

## A ILHA

A ilha pode ser considerada a imagem da paz espiritual no mundo material caótico. Ou um lugar mágico, um mundo estabelecido à parte. Na literatura inglesa vários autores utilizaram a ilha como inspiração. Conheça alguns.

*"O homem não é uma ilha"*  
John Donne

## THE TEMPEST WILLIAM SHAKESPEARE

A peça The Tempest foi escrita por Shakespeare em 1611 e apresentada ao Rei da Inglaterra, que se chamava **James I**. A peça se passa em uma ilha e é considerada um lugar mágico e sobrenatural. Na época, na Inglaterra, não havia uma distinção entre a **religião** e a **ciência** e o pessoas utilizavam a religião e a astrologia para explicar doenças e mortes.

## EM LOST (A FÉ E A CIÊNCIA)

Ainda não há uma explicação para a cura de **John Locke**. Antes da queda do vôo, Locke estava em uma cadeira de rodas, resultado de uma queda do 6º andar de um prédio que o deixou paraplégico. Ao chegar na ilha, ele voltou a andar e atribuiu à ilha este "milagre". Locke utiliza a fé para explicar sua cura e acaba se tornando um dos líderes do grupo de sobreviventes. Rose Nadler também se diz curada de um câncer e Sun-Hwa Kwon engravidou do marido, Jin-Soo Kwon, que antes de chegar na ilha não podia ter filhos.

Do lado da ciência temos o **Dr. Jack Shephard**, um renomado neurocirurgião, que sempre está ajudando o grupo dos perigos da ilha. Jack acaba se tornando líder do grupo ao lado de Locke e criando uma espécie de batalha entre a fé e a ciência. Antes de chegar na ilha, Jack opera Sarah que, milagrosamente, volta a andar.

# TO BE CONTINUE...



### Jack Shephard

Um pastor, (shepherd em inglês), é alguém que guia suas ovelhas, do mesmo jeito que Jack se tornou o líder.

**Na literatura**  
Jack, o

### James "Sawyer" Ford

Ele é um golpista, e usa essas habilidades na ilha para enganar as pessoas para seu bem próprio.

**Na Literatura**  
James I, rei da Inglaterra...



### John Locke

Sua paralisia parou imediatamente depois dele cair na ilha, o que levou-o a acreditar que ele tem alguma conexão especial com a ilha.

**Na literatura**  
O escritor John

# dona izaldina

Rita  
Maria  
Felix  
da Silva



ilustração de benett-o-matic

Dona Izaldina colecionava notícias de jornais. Tinha milhares delas, baixadas da Rede. Era seu passatempo.

Nas partidas de pôquer dos sábados, gostava de comentar com as amigas aquelas notícias que mais lhe chamaram a atenção durante a semana. Ontem saiu com esta:

- Lá em Dubai, Índia, o X74, o mais inteligente e sensível robô deste século XXII, destruiu-se atirando na própria cabeça. Dá para acreditar? É o primeiro caso documentado de suicídio de um robô. Ah, e escutem só isso: não faz nem três meses que o criador dele recusou-se a reconhecê-lo judicialmente como filho. Rsrrsrs... Um robô. Isso lá tem cabimento? Tem horas que a vida fica realmente engraçada...

# o meu jardim

Leonardo de Moura

Numa tarde de domingo, sentei em meu jardim para pensar sobre a vida.

Mas era difícil fazer isso, porque tinha muita gente ao redor!

Fazendo barulho!

Correndo e gritando!

Pisando minhas flores!

Ocupadas com outras coisas que não o meu jardim, ou os pensamentos que lá eu cultivava...

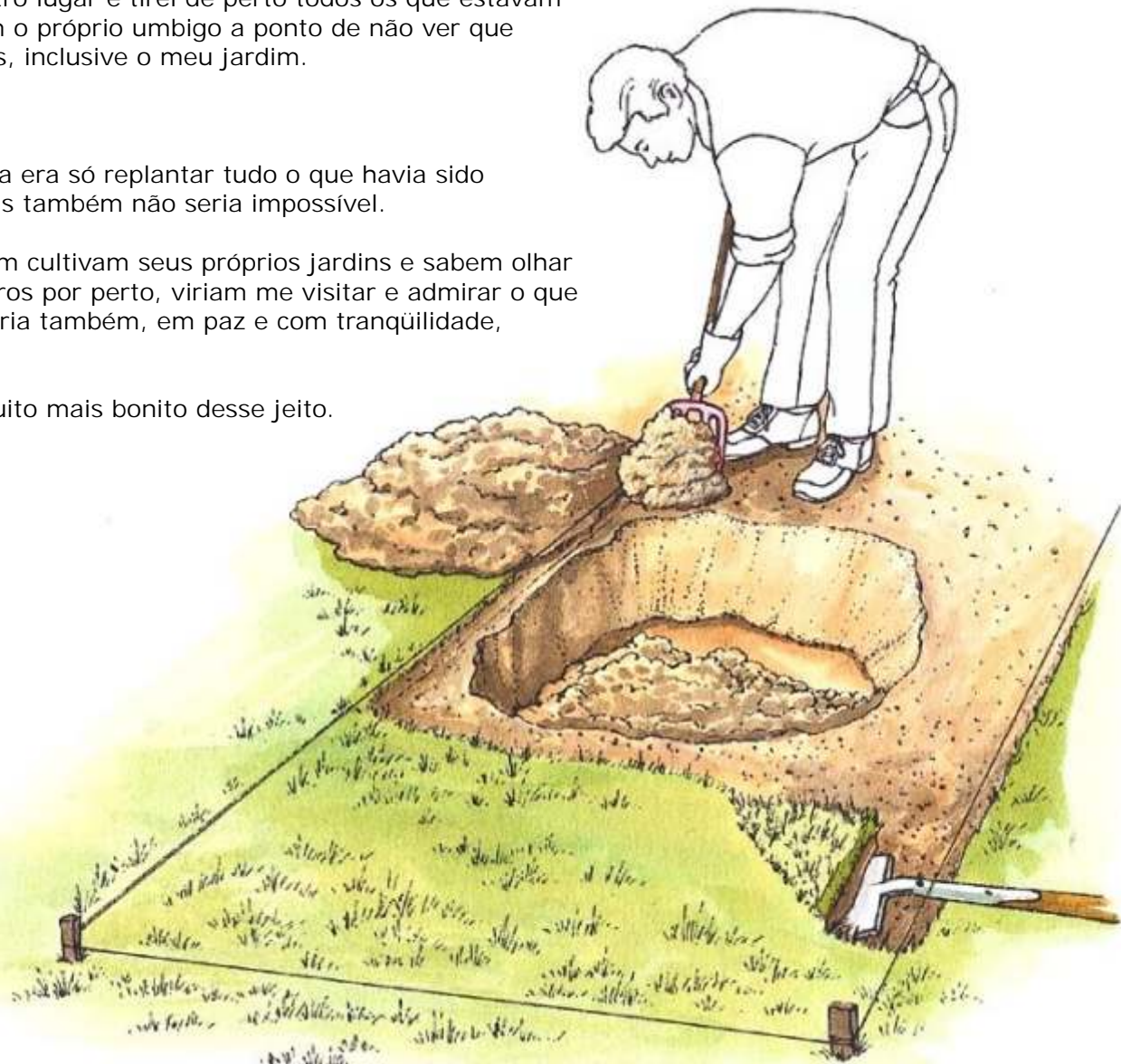
Tomei então uma decisão: coloquei os barulhentos pra fora, mandei os pressurosos correrem em outro lugar e tirei de perto todos os que estavam preocupados o suficiente com o próprio umbigo a ponto de não ver que havia no mundo outras coisas, inclusive o meu jardim.

Pronto!

Ferramentas em punho, agora era só replantar tudo o que havia sido destruído. Não seria fácil, mas também não seria impossível.

E depois, aqueles que também cultivam seus próprios jardins e sabem olhar ao redor para ver que há outros por perto, viriam me visitar e admirar o que eu havia plantado. E eu poderia também, em paz e com tranquilidade, admirar os jardins deles.

E o mundo seria um lugar muito mais bonito desse jeito.



# narciso nacional

Marcelo "Addam" Leite



René Magritte

Alberto acorda com sono e culpa o despertador. Levanta cansado e culpa a manhã. Se arruma irritado e culpa o trabalho. Sai apressado e, sem um beijo da mulher, culpa o trânsito. De carro, se atrasa e culpa o transporte público. De ônibus, se atrasa e culpa o excesso de carros.

Alberto trabalha de mau humor e culpa o salário. Se perde clientes, culpa os colegas. Se perde o emprego, culpa o chefe. Acima do peso, culpa a comida. Sai do trabalho deixando muito por fazer e culpa o relógio. Cansado da vida, culpa a família e sai para um chopp. Perde a hora e culpa a bebida. Beija outra mulher e culpa a esposa. Chega tarde em casa e culpa clientes que nunca teve.

É pouco atencioso mas, por isso, culpa os pais. Já que não pode mais falar com eles, culpa Deus. Tranca a porta, sente medo e culpa os jornais. Janta sem muita vontade e culpa o estresse. Toma um antiácido e culpa o estômago. Lembra do salário acabando e culpa os impostos. Fica com raiva dos impostos e culpa o governo. Ajudou a eleger o presidente, mas culpa a política. Desliga a televisão com angústia, culpando o país. Sai do banho chateado e culpa a água.

Desde sempre, Alberto termina cada noite lembrando todos os culpados por sua vida. Tem a certeza de que, ao escovar os dentes, vai encontrar no espelho um homem bom e honrado. Mas não hoje. Sem saber bem o motivo, desvia o olhar. E, sem pensar a respeito, Alberto Roberto Brasileiro vai dormir culpando o espelho.



# a educação foi pro brejo

Georgiana Calimeris



A natureza humana é realmente estranha, embora, eu a ache fascinante, diga-se de passagem. Existem coisas que me assustam nesse comportamento cotidiano e rotineiro. Antigamente, empurra-empurra de recreio era resolvido na coordenação da escola, havia algum tipo de punição e tudo se acertava com os empurradores devidamente castigados com suas "orelhas puxadas" pelos pais. Assim, a vida seguia. Todo mundo já parou na coordenação na escola ou, talvez, não. Enfim, melhor parar de divagar.

Agora, o empurra-empurra que rapidamente se resolvia virou um pesadelo para os pais dos que foram vítimas, pois, os dos que provocam entram na escola no melhor estilo "VOCÊ SABE QUEM EU SOU?", e tira a criança (a que revidou) da sala de aula ou a pega desprevenida nas quadras esportivas para ameaçá-la. A que ponto chegamos!? Um adulto ameaça uma criança de seus sete ou oito anos e a deixa muda ou catatônica, no mínimo. Talvez, o problema real não seja a criança, mas os pais que na tentativa de proteger seus filhos problemáticos, ameaçam pequenos seres em formação que podem levar aquele ato de coação como um fato traumático pelo resto da vida, além de experimentar uma sensação de medo desnecessária.

É, eu sei, todos nós já aprontamos, já nos metemos em brigas e já quisemos que nossos pais tomassem alguma providência. Só que tomar uma providência baseado num diálogo de ameaça nos mostra um reflexo cruel de nossa sociedade, um reflexo de que estamos deixando nossos filhos a terra de ninguém. Eu me pergunto como ensinar valores éticos a uma criança se a escola deixa esse tipo de situação acontecer?

É lógico que a criança coagida acaba demonstrando aos seus pais que algo de errado

aconteceu, afinal, um ser adulto é quase um deus quando se tem uns oito anos. Nem sempre estaremos lá para proteger nossas crias para que se tornem adultos conscientes. Imagino aqui com meus botões que os pais que protegem as crias problemáticas não conseguem ver que estão criando seres humanos que têm pouco valor à vida humana alheia. Jovens que atacarão outros jovens numa sessão de barbárie chocante. Ah! Sim, eu ainda me choco ao ouvir que um jovem foi espancado covardemente por um grupo. Ou melhor, jovens que queimam ou espancam pessoas em paradas de ônibus.

Percebo que os pais ou responsável têm se ausentado de ensinar seus filhos e culpam os transtornos que as crianças possam ter como a hiperatividade para justificar o comportamento bizarro do filho. É difícil lidar com crianças que inquietas devido a problemas hormonais cerebrais e é justamente aí que os pais devem ter o dobro de cuidado e atenção e não ameaçar as crianças vítimas dos agressores. Antigamente, era errado agredir e parece que o certo é sair metendo a mão, dando porrada! Talvez, a humanidade nunca devesse ter passado do homem de neanderthal. É uma situação pra lá de desagradável saber de coisas assim que acontecem com os colegas dos nossos filhos e a gente nem parece se chocar.

Acho que uma das coisas mais sérias é quando isso acontece em uma escola elitizada, em que acreditamos que seja um complemento à educação que damos em casa. Ainda estou chocada com as notícias recentes, imaginando o que pode ser feito para evitar outros constrangimentos do estilo. Talvez, proibir os pais de entrar no perímetro da escola... ainda não sei, mas, ainda me pergunto: como educar com ética quando respeito, educação e pacifismo parecem estar tão errado?

# em busca de novos talentos

Rúbia Cunha

Concursos literários surgem aos montes, dando às pessoas prêmios em dinheiro, livros contendo a publicação, ou apenas o reconhecimento do autor novato. Crônicas, contos e poesias são estilos encontrados em tais concursos. Essa é a parte fácil. Complicado é quando se resolve publicar um livro, e as dificuldades tendem a aumentar dependendo do gênero que se escolhe. A temática medieval, por exemplo, encontra muitos entraves para conseguir chegar ao mercado. “Tanto novatos, quanto veteranos sofrem com o pouco espaço dado ao gênero pelas editoras, com a quase inexistente atenção dada pela grande mídia ao assunto e até com o descaso de livreiros que, em geral, jogam os livros nacionais do gênero na última estante lá no fundo da livraria”, disse a escritora Helena Gomes. “Apesar de tudo, vejo o momento atual com esperança. Há autores que estão conseguindo publicar livros de fantasia e até por uma ou outra editora grande”, complementou a escritora que possui obras publicadas na Rocco, Devir e Idea.

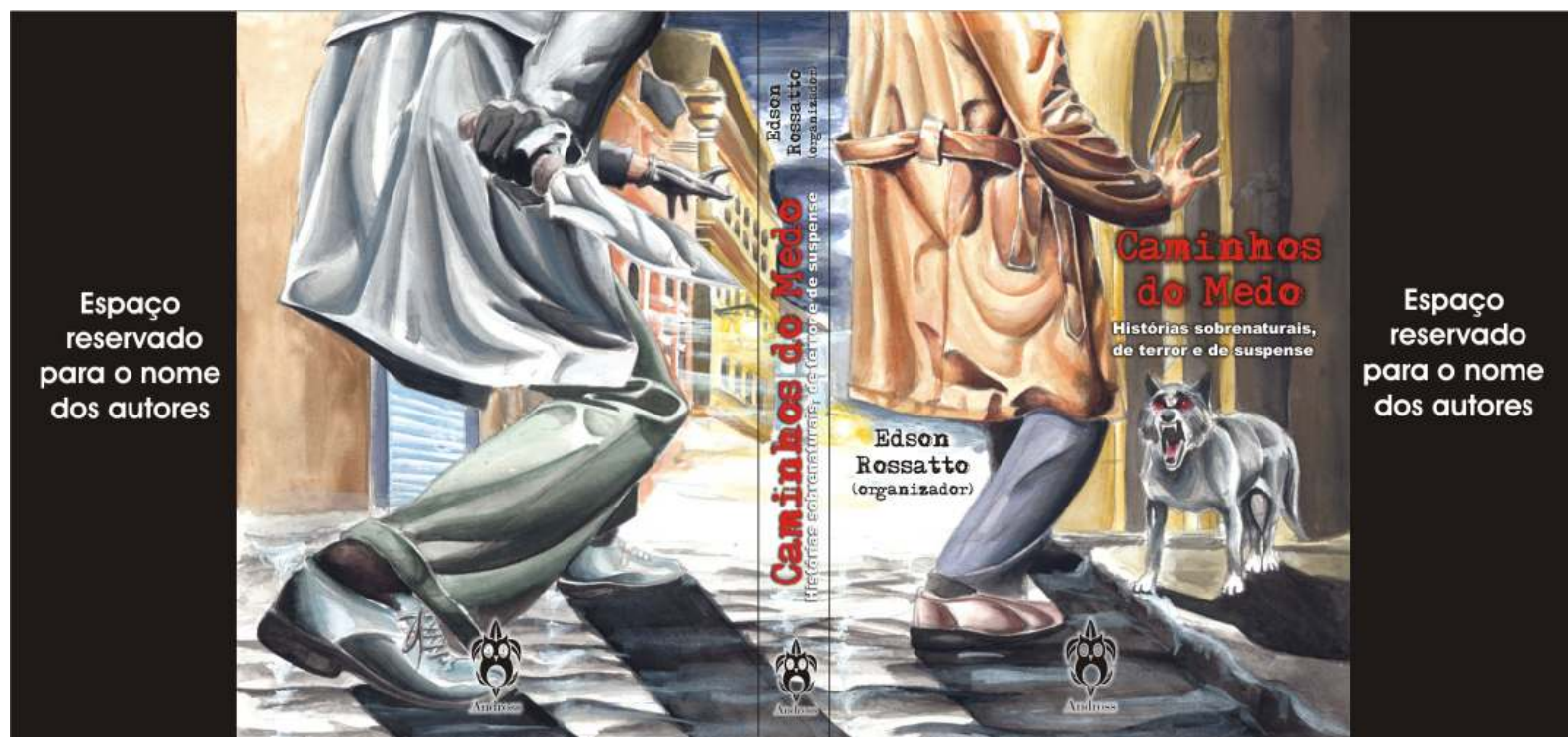
Foi pensando em facilitar um pouco a vida para novos escritores de gêneros que não costumam ter lugar nas grandes editoras que nasceu a Andross Editora, organizada por Helena Gomes, além de Edson Rossatto, Cláudio Brites, César Mancini e Carlos Francisco. Tudo começou no campus da Universidade Cruzeiro do Sul (SP), com o objetivo de abrir espaço no mercado aos alunos que não tinham

condições de publicar seus primeiros textos. O projeto cresceu e conseguiu se manter graças a um modelo de negócio diferenciado, que é a publicação de antologias.

Hoje a Andross comemora três anos com 25 títulos publicados e começa a planejar a expansão do seu catálogo, alcançando uma diversificação não só de escritores, mas também do próprio produto. O possível lançamento ainda neste ano da graphic novel, que já se encontra em produção pelo novo selo, Andross Comics. Nos próximos meses também deve chegar ao mercado mais seis antologias, nas áreas de contos, crônicas, poemas e micro-contos.

Anno Domini - Manuscritos Medievais é a mais nova antologia organizada por Helena e Cláudio. Ela reúne tanto contos ambientados na realidade histórica quanto aqueles passados em universos mágicos inventados pelos próprios autores, tendo a participação especial de Raphael Dracon (Dragões de Éter, da editora Planeta), e a capa ilustrada por Octavio Cariello (The Queen of the Damned, de Anne Rice), conceituado desenhista de inúmeras HQs de editoras americanas, como a DC e Marvel.

“É uma honra. Tenho sorte. No *Livro Negro dos Vampiros* estive ao lado de um grande entendedor do assunto, Kizzy Ysatis (Clube dos Imortais, editora Novo Século), e agora no Anno Domini a parceira é um dos grandes nomes da literatura fantástica. É uma honra e uma grande oportunidade de aprender muito! A Helena é um amor e está num gás contagiante. Todos só temos a ganhar com ela nesse projeto”, comentou Cláudio Brites.



## Escrever é Reescrever

Vários autores ao escrever seus textos muitas vezes não conseguem encontrar seus próprios erros, achando-os perfeitos e mandam para os editores. Mas não pense que a Andross “engole” os de baixa qualidade apenas porque o escritor é novo e promissor. “Quando recebo os textos aqui na Andross, percebo que a maioria dos autores os envia sem fazer nenhum tipo de retrabalho estilístico ou revisões”, revelou Edson Rossatto. “Muitos acham que não precisam revisar suas obras. Ledo engano. Drummond dizia que um bom texto é 10% inspiração e 90% transpiração.” O alerta não deve ser visto como algo amedrontador, e sim como um conselho. “Espero tornar oportuna a primeira publicação literária desses talentos ocultos. É gratificante saber que por minha escolha - e pelo talento da pessoa, é claro - aquele autor terá a chance de se tornar conhecido”.

Cláudio Brites faz coro a Edson e defende que os autores precisam entender a necessidade da reescrita, e que existe também a necessidade de ajudá-los, pois muitos ainda não estão maduros. “A maioria acha que o texto bom sai pronto e esquecem que a arte da escrita envolve muita reescrita. Graciliano fala muito disso, de você lavar e enxugar e bater o texto até ele ficar limpo. Os escritores não tocam no texto e acabam deixando a obra como um diamante mal polido. Nós esperamos trabalhos criativos e autores dispostos. Ou seja, uma obra não precisa vir pronta. Contos redondos. Mas se a premissa dos contos for boa, mesmo que a obra ainda precise de ajustes, estamos dispostos a trocar emails com esse autor e dar dicas para que ela fique bem acabada para a publicação. Se o autor não estiver disposto a trabalhar, fica difícil”.

Mesmo sabendo que receberão apoio de editoras como a Andross, para ter alguma chance de publicar, os novatos ainda têm medo e velhas perguntas acabam surgindo durante o envio de um texto. As mais comuns dizem respeito aos direitos da obra, ganho financeiro, publicidade e integridade do texto. Algumas modificações se tornam necessárias, porém nem todos são aprovados.

De acordo com as regras da Andross, depois de aceitos os manuscritos que serão publicados, a editora entra em contato, celebrando “contratos de edição”, que se destacam por manter o autor como legítimo titular dos direitos autorais sobre a obra, o que não acontece em “contratos de cessão de direitos autorais”, bastante conhecido em vários dos concursos literários.

Quanto aos gastos financeiros de ambas as partes, o envio de obras é gratuito para o autor, contudo, a confecção dos livros gera custos. Para que estes sejam pagos, o programa desenvolvido pela editora dar-se da seguinte forma: cada autor se compromete a vender vinte exemplares do volume em um período de trinta dias, após a data de lançamento do livro. Os custos de cada um possuem um valor mínimo para que a cota seja alcançada. Para o autor ter algum retorno financeiro, basta seguir o conselho da própria editora: vender do livro por alguns reais a mais. Sendo assim, o escritor tem a certeza de que a editora dará a ele no mínimo, uma quantidade determinada de livros para o pagamento da publicação de sua obra, sendo possível uma segunda edição e mais uma determinada cota é entregue aos autores devido aos seus direitos autorais.

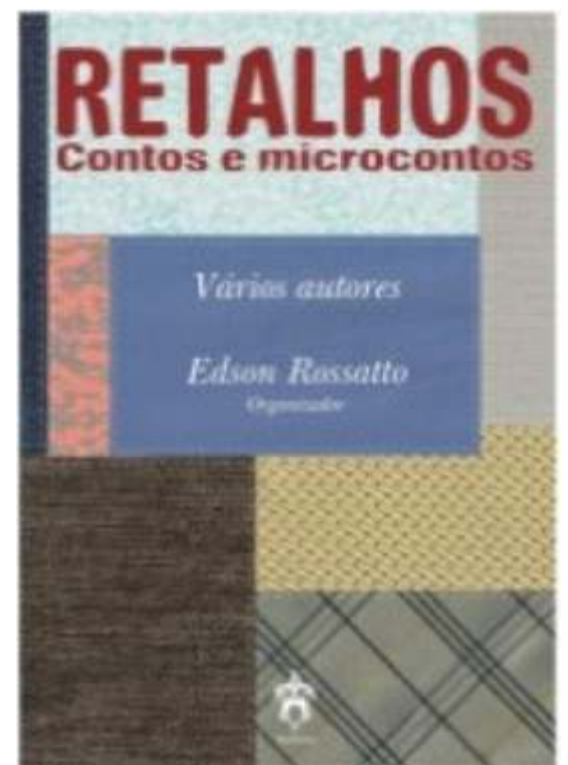
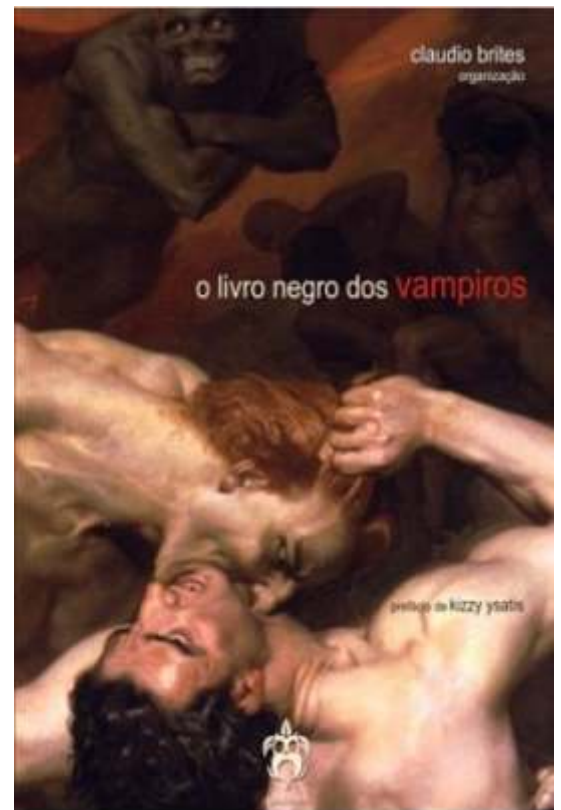
Portanto, oportunidades não faltam àqueles que desejam ter suas histórias publicadas. Na Andross os escritores podem iniciar suas carreiras. Mas o principal conselho continua sendo: tenha carinho por seus textos, revise-os, dê uma polida e mãos às obras. Você não vai querer desistir agora, vai?

Serviço:

Telefone: (11) 6943-7687

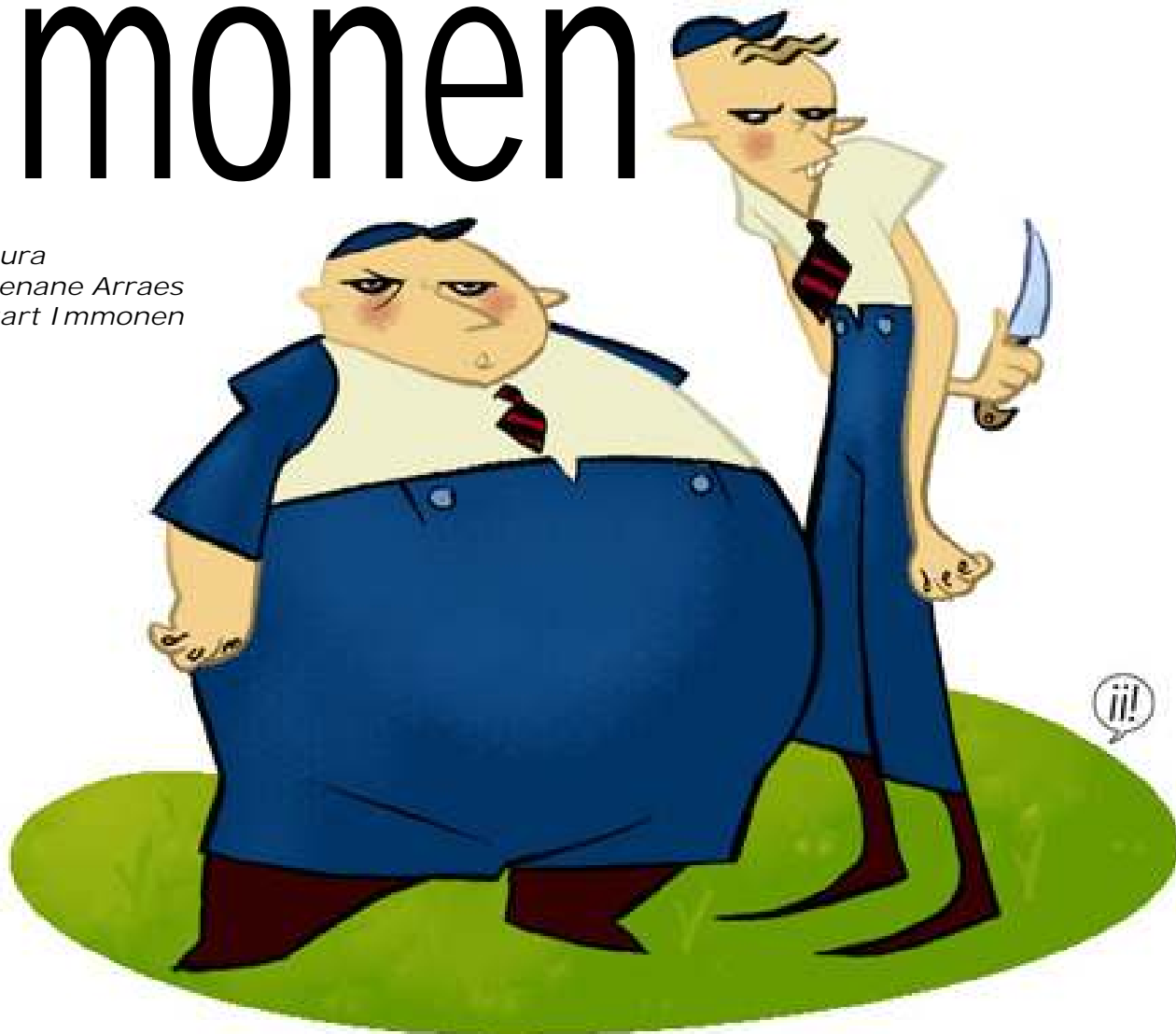
site: <http://www.andross.com.br>

e-mail: [andross@andross.com.br](mailto:andross@andross.com.br)



# arte de immonen

Leonardo de Moura  
Colaboração: Djenane Arraes  
Ilustrações: Stuart Immonen



Quem é fã de quadrinhos há algum tempo certamente já teve em mãos alguma história ilustrada por Stuart Immonen, mesmo que não saiba disso. Com um vasto material publicado, a primeira coisa que salta aos olhos na arte deste canadense é a suavidade de seus traços, e mesmo quem é familiarizado com seu estilo nunca deixa de se surpreender com a beleza de seus desenhos a cada nova publicação que leve sua assinatura.

Sua primeira obra publicada, intitulada *Playground*, foi lançada por conta própria em 1988, e possibilitou sua entrada no mundo dos quadrinistas profissionais. Tendo atuado por um período de cinco anos para editoras menores, em meados de 1993, Immonen realizou seus primeiros trabalhos para a Marvel e a DC Comics. Para

se ter uma idéia da repercussão de seu talento, basta dizer que nestes quinze anos já passaram por suas mãos ícones como *Superman*, *Legião dos Super-heróis*, *Quarteto Fantástico*, *Hulk*, *Thor* e *X-Men*. Vários destes trabalhos já foram publicados por aqui, além de outros como *A noite final* (1997), *Homem-Aranha e Gen 13* (1998), *Superman: Identidade Secreta* (2005) e *Shockrockets* (2006).

Entre os quadrinhos independentes lançados por ele, destacam-se a série de histórias curtas *50 Reasons To Stop Sketching At Conventions*, onde ele gentilmente detalha os motivos pelos quais não faz esboços para fãs em convenções, e *Never As Bad As You Think*, uma HQ das muitas que produz em parceria com sua esposa e sócia Kathryn Immonen.

Atualmente, podemos conferir seu trabalho no Brasil nas histórias da *Nova Onda*, produzidas em parceria com o roteirista Warren Ellis, e em breve também na nova fase de *Ultimate Spider-Man*.

Elefante Bu – Quem teve a maior influência no seu estilo?

Stuart Immonen – É difícil responder com apenas um (ou mesmo com mais de um) exemplo. É um processo contínuo. Estou sempre dando uma olhada em trabalhos de outros artistas, bem como em filmes, fotografias e no mundo ao meu redor para achar inspiração. Pode ser arquitetura ou tipografia ou uma folha... como eu disse, é difícil de responder.

Elebu – *Superman: Identidade Secreta* foi o primeiro trabalho com arte totalmente sua? O que o levou a tomar a decisão de deixar toda a arte, inclusive a colorização, a seu cargo?

Immonen – Este foi, e ainda é, o maior projeto do tipo para mim. Indo direto ao ponto: eu já havia criado outros quadrinhos, a maioria coisa pequena e não para grandes editoras, onde eu tinha o controle em toda a extensão (*n.e.*: da produção de arte). Essa era a minha idéia, acho. Em *Superman: Identidade Secreta* eu propus uma certa maneira de desenhar a linha preta, que sobra muito no desenho - normalmente nos quadrinhos há uma linha externa em volta de tudo, mas o jeito que queria desenhar essa história era uma tentativa de igualar a não existência de contornos, como no mundo real. Então seria difícil deixar que outro artista, independente de seu talento, interpretasse a cor. O único jeito foi que eu mesmo fizesse tudo. Deu um monte de trabalho no final, mas foi muito satisfatório.

Elebu – O seu trabalho na DC/Marvel tem um estilo diferente de seus trabalhos independentes, como *Never As Bad As You Think*. Um é mais detalhado e outro mais limpo. Existe uma política na Marvel ou na DC onde se exige um certo padrão estético? O que você acha disso?

Immonen – Há diferenças de estilos apenas nos trabalhos na Marvel e na DC. Minhas edições de *Thor* não são parecidas com as do *Superman*, nem elas se parecem com *Nextwave* ou *Legion Of Superheroes*. Todas essas histórias tiveram requerimentos diferentes, então tentei métodos diferentes de traços. Isso também vale para os trabalhos independentes e pessoais - seria inadequado desenhar *Never As Bad As You Think* num jeito naturalista como o de *Superman: Identidade Secreta*. Isso depende inteiramente do assunto e do tom da história. Também não há muita política de estilo na Marvel ou na DC - editores têm certos gostos e preferências que devem ser atendidos, mas



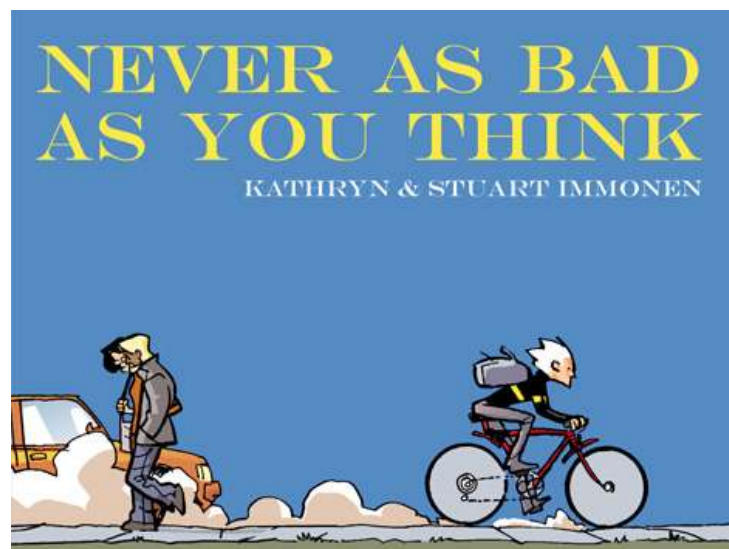
se o artista tem um bom relacionamento com um editor, acho que é fácil convencê-lo que ele é capaz de algo novo. Honestamente, acho que essa é uma posição privilegiada que se ganha depois de muitos anos fazendo coisas sob encomenda.

**Elebu – O que inspirou você fazer *Never As Bad As You Think* com sua esposa, Kathryn?**

**Immonen –** Existe um número de comunidades de websites de ilustração que encoraja a participação por meio da proposta de um tema e pede aos artistas para mandar seus resultados. Geralmente há apenas ilustrações simples. Eu tive a idéia de criar um quadrinho baseado nesses temas semanais e pedi a Kathryn para fazer isso comigo. Na primeira semana a palavra proposta foi "vazio". Kathryn escreveu um pequeno roteiro incluindo a palavra literal e também em forma temática (uma cadeira vazia) e eu desenhei, e nós fizemos isso por um ano. No início pensei que os personagens permaneceriam consistentes durante a história, mas Kathryn começou a mudar cenas e introduzir novos personagens de maneiras geniais, o que fez as coisas ficarem mais divertidas para ambos e, acho, para os leitores.

**Elebu – Quais os projetos em que você está trabalhando para este ano?**

**Immonen –** *Ultimate Spider-Man*, claro. O projeto me mantém muito ocupado. Kathryn e eu fomos convidados para contribuir com a antologia do oeste americano chamada *Outlaw Territory*, publicado pela Image Comics, mas não acho que será possível até 2009. E *Moving Pictures*, que é o nosso quadrinho on-line -



<http://www.immonen.ca/comics/> - atualmente está na página 50, mas eventualmente isso ficará três vezes maior. Além de eventuais requerimentos de capas ou outra coisa. Isso é tudo que posso administrar.

**Elebu – É difícil lançar quadrinhos independentes no Canadá ou nos Estados Unidos?**

**Immonen –** Para nós, as expectativas não são extraordinariamente grandes, e como resultado não temos tido decepções. Imprimimos apenas 500 cópias de *Never As Bad As You Think*, por exemplo, e não oferecemos o material para uma grande distribuidora de quadrinhos ou livros. Preferimos vender via e-mail, nas convenções e diretamente em algumas lojas que



## *Moving Pictures*

Houve o desaparecimento de um objeto de arte valioso, e quem deve conhecer o paradeiro é Ila Gardner, uma canadense que trabalha com curadoria de arte na França junto com sua amiga, Jane Bailly. Apesar de não se ter certeza, é possível que as duas e Marc, o terceiro elemento da história, tenham planejado um crime nos porões do museu de arte. Enquanto Jane e o rapaz decidem deixar o país e insistem para que a Ila também fosse embora, a moça decide ficar. Inúmeros são os questionamentos a respeito de suas razões para tal. Nada é muito claro. Jane corre para casa em Ottawa levando o passaporte da amiga (a própria é que faz a sugestão). Eventualmente, Ila é submetida a um interrogatório, onde o leitor descobre aos poucos a trama desta história. *Moving Pictures* é um quadrinho on-line que ainda está em curso (veja o endereço na entrevista). O roteiro é de Kathrin Immonen e os desenhos são do genial Stuart. Eis um trabalho genial em P&B onde os traços simples e retos de Stuart criam suspense e tensão à história intrigante e bem escrita, de diálogos felinos, ligeiros. O embate entre o detetive e Ila na sala de interrogatório, por exemplo, é de tirar o fôlego. (*Djenane Arraes*)



pensamos que seriam receptivas ao trabalho independente. As reações das pessoas têm sido muito positivas e tivemos boas críticas. Espero que no final da temporada de convenções a gente possa ter vendido todas as cópias dos vários quadrinhos que temos feito, e então vamos começar novas coisas.

**Elebu – Qual o seu quadrinho favorito entre os que você fez?**

Immonen – Tenho dificuldade de escolher. Não existem muitos e em alguns casos, gosto de um aspecto da obra, mas não tudo nela. Acho que *Never...* foi um experimento bem-sucedido, e o quadrinho impresso foi muito bem aceito. Gosto de uma coisa ou duas dos meus quadrinhos do *Superman*, e gosto de *Playground*, o primeiro que Kathryn e eu fizemos em 1988. Nada muito além disto, mesmo.

**Elebu – Quais são os quadrinhos que você lê e recomenda atualmente?**

Immonen – Não leio muitos e nem dos novos. Gosto de *Trondheim* e *Dupuy & Sebastian...* *Baru*, *Masamune Shirow...* autores que não publicam frequentemente, ao que parece.

**Elebu – Vários trabalhos seus já chegaram ao Brasil, desde alguns mais antigos, especialmente em seu período na DC e na Marvel, e mais recentemente sua outra parceria com Kurt Busiek em *Shock Rockets*. Há intenção de publicar seus trabalhos independentes como *Never As Bad As You Think* ou *Playground*?**

Immonen – Gostaria sim, mas seria necessário haver uma forma de entrar em contato com editores especializados em projetos como estes e traduzir. Estaremos receptivos às propostas, e *Never...* foi traduzida em edição limitada para o italiano e o espanhol, então há um precedente. Acho que *Playground* seria voltar demais em nossa história, mas nossos trabalhos mais recentes são possibilidades.

**Elebu – A nova fase de *Ultimate Spider-Man* desenhada por você é o seu próximo trabalho a ser publicado no Brasil. Há algo que gostaria de dizer aos fãs brasileiros?**

Immonen – Espero que eles abracem a mudança de estilo da arte e saibam que Brian Michael Bendis e eu estamos trabalhando duro para criar as melhores histórias que pudermos.

## *Superman: Identidade Secreta*

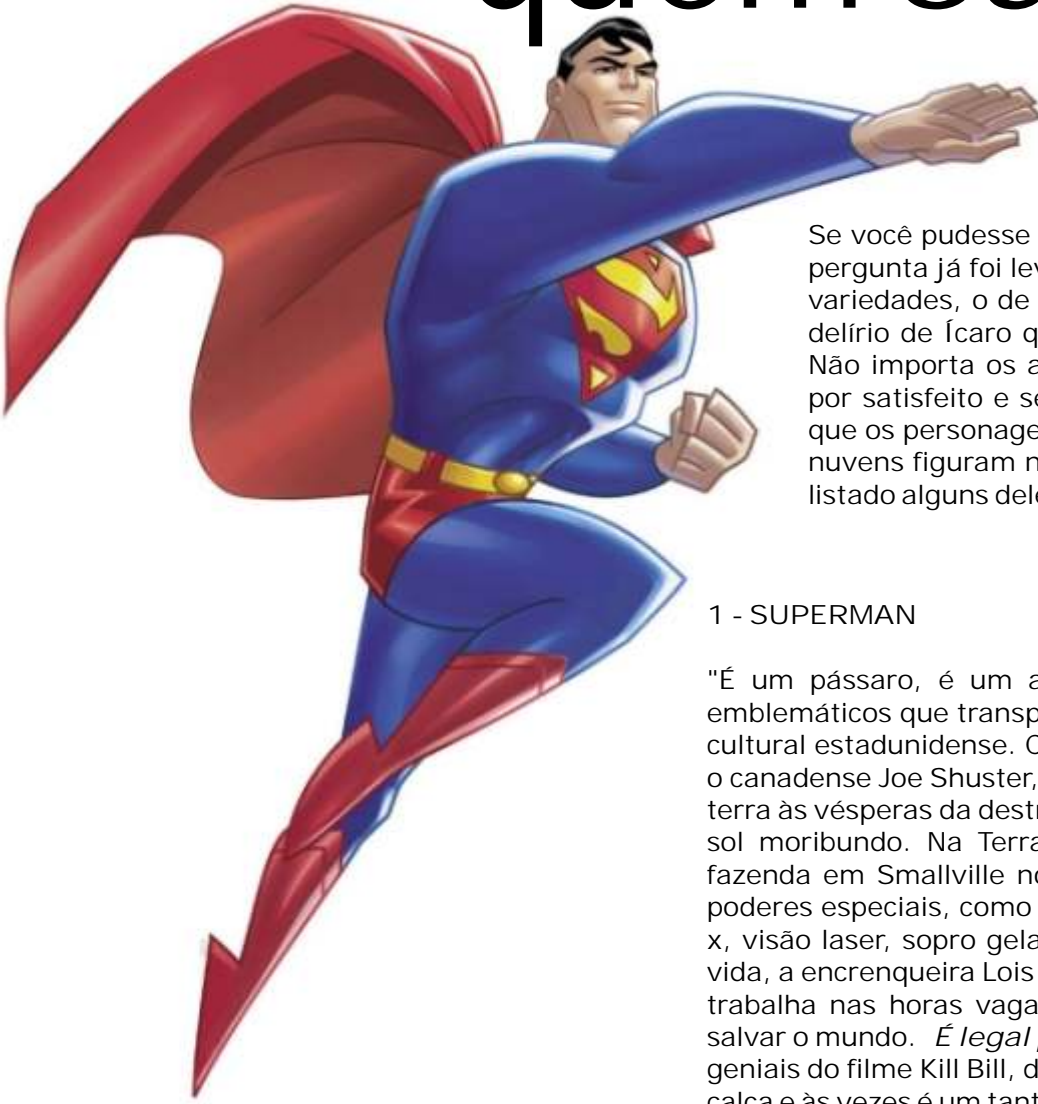
Dentre os trabalhos de Stuart Immonen que saíram no Brasil, certamente se destaca a história em quatro partes *Superman: Identidade Secreta*, publicada a princípio como uma minissérie e depois em versão encadernada pela Panini. O que mais chama a atenção nesta obra é o cuidado que o artista teve na finalização de seu trabalho, deixando os contornos menos definidos pelo traço do que pela cor. É a única de Immonen destinada ao grande público no qual toda a produção artística ficou a cargo dele, e o resultado é surpreendente. O cuidado na relação entre o traçado e a cor é tamanho que diversos quadros chegam a lembrar fotografias ao invés de desenhos. O próprio artista admitiu que tudo isso deu um trabalho imenso, mas o resultado não poderia ser menos satisfatório. Além da arte de Stuart Immonen, *Superman: Identidade Secreta* conta também com argumento do renomado Kurt Busiek (*Marvels*), tornando-se assim uma HQ primorosa em todos os sentidos.

Serviço:

Superman: Identidade Secreta  
Editora: DC/ Panini Comics Brasil  
Ano de lançamento (encadernado): 2006  
Preço: R\$ 19,90



# quem sabe voar...



Se você pudesse escolher um poder especial, qual seria? Essa pergunta já foi levantada algumas vezes e entre uma gama de variedades, o de voar está sempre nas cabeças. Talvez seja o delírio de Ícaro que sempre esteve presente na humanidade. Não importa os avanços tecnológicos, o homem nunca se dá por satisfeito e sempre quer ir mais alto. Talvez seja por isso que os personagens em quadrinhos que tem o dom de furar as nuvens figuram na lista dos mais bacanas e queridos. Aqui foi listado alguns deles.

## 1 - SUPERMAN

"É um pássaro, é um avião...", não, é um dos personagens mais emblemáticos que transpassou os quadrinhos para se tornar um ícone cultural estadunidense. Criado em 1938 pelo americano Jerry Siegel e o canadense Joe Shuster, o alienígena de Krypton, Kal-El, foi enviado a terra às vésperas da destruição do seu planeta natal em decorrência ao sol moribundo. Na Terra recebeu o nome Clark e foi criado numa fazenda em Smallville no Kansas pelos Kent. O sol amarelo lhe deu poderes especiais, como super-força, invulnerabilidade, visão de raios-x, visão laser, sopro gelado e, é claro, vôo. Conheceu o amor de sua vida, a encrenqueira Lois Lane, como jornalista no Planeta Diário, onde trabalha nas horas vagas, uma vez que sua verdadeira ocupação é salvar o mundo. *É legal por que:* foi assunto de um dos diálogos mais geniais do filme Kill Bill, de Tarantino. *Defeitos:* usa cueca por cima da calça e às vezes é um tanto ingênuo.

## 2 - MULHER-MARAVILHA

Nem a Supergirl é um equivalente tão bom ao Superman quanto a amazona Mulher-Maravilha. É uma criação de William Moulton Marston e apareceu para o mundo pela primeira vez em 1941. A princesa Diana saiu direto da mitologia grega, onde às vezes bate um papo com Athena, para o mundo. Foi a primeira personagem feminina a integrar a Liga da Justiça, onde pôde aplicar todo seu treinamento entre as Amazonas para soltar o braço contra os inimigos. Tem super-força, poder de regeneração, imunidade contra ilusões e controle da mente, um laço da verdade meio brega, sabe brigar no "mano a mano" e não hesita em pegar numa arma. *É legal por que:* teve um seriado maneiro na TV nos anos 70. *Defeito:* ela não tem um arquiinimigo decente.

## 3 - FÊNIX

Stan Lee e Jack Kirby criaram Jean Grey em 1963 para ser a menina da turma de super-heróis e namorada do grande líder. É um caso onde os criadores subestimaram sua criação. Chris Claremont e John Byrne, ao contrário, acharam que a ruiva lindinha geniosa poderia ser muito mais e a transformou num dos personagens mais espetaculares dos X-Men. Jean Grey foi uma das primeiras alunas de Charles Xavier. Chegou lá fraquinha com poderes telepáticos limitados, mas telecinésia forte o suficiente para que ela conseguir voar. Com o passar dos anos, virou a Fênix que tanto pode salvar o universo ou destruir sistemas solares dependendo do seu humor. O Wolverine adora! *É legal por que:* tem um dos uniformes mais bacanas dos quadrinhos e o "efeito fênix" (a águia de fogo que aparece quando manifesta seu poder) é um barato. *Defeito:* ela morre muito.



# não tem medo de altura!

## 4 - MAGNETO

O maior e mais querido vilão da saga dos mutantes. Criado pelas mesmas pessoas e ano que Jean Grey, Erik Lehnsherr é um judeu sobrevivente ao holocausto que sentiu na pele o preconceito duas vezes. Primeiro por sua religião e depois por ser mutante. Ficou revoltado e não é surpresa que ele tenha aprontado tanto. Mas Magneto também já foi chamado de herói e até de anti-herói. E ele também é político: já governou um país e até um asteróide! Tem o poder do magnetismo e perto dele, ter anemia até que não é tão mal. *É legal por que:* está na galeria dos vilões mais legais dos quadrinhos, sem mencionar que é mais interessante que muitos dos mocinhos. *Defeito:* é sentimentalista demais.

## 5 - TEMPESTADE

Se a Tempestade fosse brasileira, não haveria mais polêmica sobre a transposição do São Francisco. A moça iria lá no sertão e clamaria "vento, obedeça o meu comando e traga a chuva...". Não é à toa que no Quênia lamenta-se até hoje a mudança dessa deusa mutante para Nova York. Não que ela tenha feito mau negócio, afinal. Apareceu pela primeira vez em 1975 como parte da segunda geração de X-Men. Uma idéia de Len Wein e Dave Cockrum. *É legal por que:* tem um passado fenomenal da África como ladra e depois como deusa. *Defeito:* até agora só funcionou bem nos quadrinhos.

## 6 - TOCHA HUMANA

Johnny Storm é quente! Mas isso é ser redundante. É o grande "pegador" dos quadrinhos apesar de ter a maturidade de um pré-adolescente. Coitada da irmã dele, a Mulher Invisível, que tem que livrar a cara do irmão sempre que apronta. Ainda assim o Tocha Humana é um dos super-heróis mais simpáticos dos quadrinhos, que zoneia as aventuras do Quarteto Fantástico. *É legal por que:* não tem medo de atormentar o Coisa. *Defeito:* às vezes ele cansa a gente!

## 7 - CAÇADOR DE MARTE

Seu nome é J'onn J'onzz e ele pode ter a aparência que quiser. Dos personagens da Liga da Justiça, é aquele que consegue ser tão intrigante quanto o Batman. Olha que isso é uma bela referência. É também um personagem antigo, apareceu em 1955 extraído das mentes de Joseph Samachson e Joe Certa. Tem cara de mau e é sério até demais, mas quem se importa? *É legal por que:* é de Marte e é verde. *Defeito:* não tem antenas.

## 8 - WILLOW ROSENBERG

É uma heroína que nasceu na televisão e foi com sucesso para os quadrinhos. Não tem codinome, mas não se importa em ser chamada de "Red" ou "Wills". Criação do Joss Whedon em 1996, Willow é a mais poderosa da gangue que tem a caçadora Buffy Summers como líder. De todos os seus poderes - e olha que ela é racker, telecinética, tem telepatia limitada, além de saber uns truques mágicos - o que mais gosta é o de voar. Ela nem se importa em carregar seus amigos, apesar de ter de suportar os gritos implorando por suas vidas durante a viagem inteira. *É legal por que:* morou no Brasil. *Defeito:* quando fica má, vira emo.

